

GÊNERO, RAÇA, IDADE E DEFICIÊNCIA: INTEGRAÇÃO EM PROJETOS SOCIAIS DO RIO DE JANEIRO

Relatório e material de apoio
Sebastião Votre
Ludmila Mourão
Silvana Goellner
Márcia Figueira



Rio de Janeiro, 2009

Sumário

Resumo	2
Introdução	3
Justificativa	4
Metodologia	5
Natureza das atividades do PELC.....	9
Análise dos dados	9
Gênero.....	10
Idade.....	13
Raça e etnia	14
Deficiência	17
Síntese geral quanto a discriminação.....	18
Conclusão e propostas de discussão	19
Material de apoio pedagógico.....	24
Unidade sobre discriminação de gênero	27
Unidade sobre discriminação de raça e etnia.....	44
Unidade sobre discriminação de idade	58
Unidade sobre discriminação contra deficientes.....	78

Resumo

O projeto de pesquisa intitulado *Estudo sociodiagnóstico sobre gênero e etnia em programas de esporte e lazer: subsídios para a elaboração de políticas públicas inclusivas* (E-26/110.392/2008), partiu do pressuposto que a iniciação esportiva e as atividades de lazer são alternativas viáveis para a integração social e o desenvolvimento físico, social e cognitivo dos participantes. O objetivo deste estudo foi fazer um levantamento sócio-diagnóstico das manifestações de discriminação de gênero, raça, etnia, idade e deficiência, em projetos sociais de esporte e lazer em comunidades vulneráveis da Cidade do Rio de Janeiro. O pressuposto é que, como sujeitos reflexivos, na perspectiva de Giddens (2002), os professores que atuam nos projetos, quando orientados de forma adequada, são capazes de agir em situações nas quais ocorre discriminação. Os dados foram coletados via observação sistemática, em entrevistas individuais e em grupo focal, com participantes, professores, coordenadores e moradores de 12 comunidades onde atua o Projeto Esporte e Lazer da Cidade – PELC, com atividades de esporte e lazer. A análise dos dados revelou que a discriminação com base em raça e etnia é menos explícita, e que a discriminação com base em gênero, idade e deficiência se identifica nos discursos e nas práticas dos informantes. As conclusões e propostas para favorecer a integração entre os grupos estão incluídas no material pedagógico para participantes e instrutores do projeto.

Palavras-chave: atividade físicoesportiva, lazer, discriminação, gênero, raça, idade, deficiência, integração.

Introdução

Este relatório¹ e o material pedagógico que o acompanha resultam do que se propôs no Projeto *Estudo sociodiagnóstico sobre gênero e etnia em programas de esporte e lazer: subsídios para elaboração de políticas públicas inclusivas*², financiado pela FAPERJ.

O projeto apresentava como objetivo geral inicial realizar um estudo sociodiagnóstico com foco nas variáveis gênero, idade, raça e deficiência no Programa de Esporte e Lazer da Cidade (PELC), implementado pelo Ministério do Esporte no Rio de Janeiro, a fim de identificar o impacto da discriminação e do preconceito na ausência das pessoas e na sua evasão dos projetos e, de posse das informações, elaborar propostas de atividades inclusivas. O pressuposto era que após identificarmos e compreendermos cada tipo de discriminação, teríamos subsídios para atuar de forma mais responsável. A produção do material pedagógico é parte relevante dessa atuação.

O estudo consistiu em investigar, detectar e propor alternativas para problematizar a evasão e a não participação das pessoas no PELC, tendo como foco os preconceitos relacionados a gênero, raça, idade e deficiência. Para detectar e equacionar esses problemas, analisamos dados relacionados a duas questões: Por que as pessoas não vão ao projeto? e por que abandonam o projeto?

Após analisar os dados coletados nos núcleos do PELC na cidade do Rio de Janeiro, e após consultar outros materiais referentes a projetos

1 O projeto contou com quatro bolsistas IC, João Gabriel de Mello, Rodrigo Garcia Ribeiro, Luiz Felipe Figueiredo e Bárbara Juliana de Oliveira Rocha. João Gabriel atuou nas fases de definição, coleta e análise dos dados.

2 O título do Projeto contém o termo *inclusivas*, relacionado às políticas públicas. Neste relatório mantemos o termo, mas registramos, aqui, que o que mais conta, nos procedimentos pedagógicos, é favorecer a integração, nas mesmas atividades, de membros de grupos que normalmente atuam separados.

similares, produzimos o material pedagógico intitulado *Gênero, raça, idade e deficiência: inclusão em projetos sociais do Rio de Janeiro*, com o objetivo de subsidiar a intervenção de coordenadores, professores e participantes de projetos dessa natureza, em relação às temáticas de gênero, raça, idade e deficiência.

Na primeira parte deste documento, apresentamos os resultados da pesquisa. Na segunda, apresentamos o material pedagógico para orientar coordenadores, participantes e, principalmente, professores do projeto, em relação às temáticas de gênero, idade, raça e deficiência. Conceituamos corpo, gênero, idade, raça/etnia, racismo, sexismo, autoestima, homofobia, assédio sexual, sexualidade, diversidade e multiculturalismo, entre outros termos (CRUZ, I. e GOMES, P., 2006; RIBEIRO, P. C., 2007; RIBEIRO, P. C. et al, 2007). Sugerimos atividades a serem desenvolvidas pelos agentes de lazer visando problematizar questões de gênero, etnia e idade (CRUZ, I. e GOMES, P., 2006). Discutimos e sugerimos modificações no uso de termos discriminadores e preconceituosos, sexistas, racistas e homofóbicos que forem identificados na pesquisa empírica. Elencamos materiais pedagógicos relacionados às temáticas de gênero, raça, etnia, idade e deficiência, tais como filmes, *sites* e livros, entre outros, para subsidiar a capacitação e as intervenções dos agentes do Projeto Esporte e Lazer na Cidade (RIBEIRO, P. C., 2007; RIBEIRO, P. C. et al, 2007).

Justificativa

O estudo se justifica pelo suporte que dá, em termos empíricos, para a produção de materiais de orientação aos gestores e atores das políticas de lazer e iniciação esportiva, que contemplem os diferentes segmentos culturais e geracionais de ambos os sexos.

Considerando que a desigualdade social é uma realidade (IBGE, 2000), os resultados do estudo colaboram para identificar grupos que

têm sido menos favorecidos no acesso aos serviços públicos de esporte e lazer, e as propostas decorrentes são úteis no aprimoramento das políticas públicas voltadas para a inclusão dos segmentos marginalizados.

Metodologia

Os instrumentos utilizados na coleta dos dados foram: a entrevista individual com os informantes de elite, a observação sistemática e a entrevista com grupos de participantes. Cada comunidade era visitada por um grupo de quatro pesquisadores, o coordenador e três bolsistas.

O público alvo do estudo é formado por um conjunto de moradores de 12 comunidades da cidade do Rio de Janeiro atendidas pelo PELC, sendo eles participantes ou não das atividades. As comunidades são Rocha Miranda, Vila Aliança, Vila Kennedy, Jabour, Senador Camará, Vidigal, Horto, Penha, Bangu, Cidade Nova, Mineira e Jardim América.

Durante as atividades de pesquisa, a seguinte metodologia para a coleta dos dados foi utilizada: enquanto dois da equipe participavam das atividades como ginástica e lazer, interagindo com os participantes, os outros dois ficavam, do lado de fora, com o diário de campo aberto, observando e anotando comportamentos, gestos e falas dos participantes, atentos ao perfil das pessoas que participavam e das que não participavam do projeto, com atenção seletiva para gênero, idade, raça e deficiência.

Adotamos pressupostos da Análise Crítica do Conteúdo (VOTRE, 2008) e da proposta radical de abordagem das representações sociais (VOTRE, ALVES & MELILLO, 2009). Precedemos a coleta de um estágio de observação sistemática e o registro dos detalhes das ações, falas e gestos do grupo observado no diário de campo.

O ponto central da proposta é o conceito de representações sociais produzidas na interação entre pequenos grupos, seguindo e adaptando

Jodelet e Moscovici³ que estudando representações da cidade de Paris, redimensionou o conceito de representações coletivas de Durkheim. A inovação consiste no uso de uma ferramenta específica para coletar dados da fala com grupo focal para editar, sintetizar e interpretar essas falas.

O pesquisador dispõe de uma síntese interpretativa das idéias dos informantes individuais, formulada em frases simples e afirmativas, no presente do indicativo. Lê para o grupo a primeira frase da síntese e pede que comentem, critiquem, digam o que quiserem sobre a idéia contida na mesma. Após o grupo esgotar a discussão, o entrevistador introduz a próxima frase, e assim prossegue até toda a síntese ser discutida. A entrevista em grupo focal é gravada, transcrita, editada, sintetizada e interpretada.

O diálogo entre entrevista individual e grupo focal, clássico na pesquisa, destaca a importância do grupo focal, que confirma as falas individuais e traz à luz novos discursos-síntese, que não teriam aparecido na manifestação individual dos informantes.

A inovação no tratamento da entrevista com o grupo focal consiste na edição e síntese das falas do grupo. Na edição, selecionam-se os trechos nos quais os membros do grupo focal produzem informações relevantes para o alcance dos objetivos. A síntese apresenta os dados em que há consenso, como se fossem de apenas um informante prototípico. Adotamos este modo de organizar os saberes do grupo sobre o tópico de estudo, por entendermos que a síntese resume as representações sociais do grupo de informantes.

Neste projeto, os informantes individuais foram escolhidos a partir da etnografia que fizemos nos 12 núcleos do Programa,

³ Adaptamos a proposta metodológica de Análise do Discurso do Sujeito Coletivo, formulada por Lefevre, Lefevre e Marques (2007), que se baseia no modelo das Representações Sociais, de Serge Moscovici.

no Rio de Janeiro. Fizemos as atividades do projeto, vestidos com camisetas iguais às dos participantes. Enquanto íamos aprendendo a fazer as atividades e os movimentos propostos, observávamos quem comandava, quem orientava, quem dava sugestões. Depois, conferíamos com os supervisores e estagiários quais eram as pessoas líderes em cada atividade. Procurávamos essas pessoas e as entrevistávamos, informalmente, com as três perguntas seguintes: do que você mais gosta no projeto? Do que menos gosta? O que afasta ou tira seus colegas do projeto?

Procedemos à síntese das respostas colhidas e das anotações no diário de campo. A partir de então, em cada comunidade, antes de a atividade da qual participávamos terminar, nos sentávamos no chão, com a turma, e pedíamos que comentassem cada frase da síntese.

O grupo focal nos permitiu coletar informações a partir da fala coletiva sobre os assuntos abordados na síntese, que não haviam aparecido nas falas das entrevistas individuais. Também possibilitou ao grupo a discussão de tópicos que apareciam como dissenso nas entrevistas individuais e se tornaram consenso durante a atividade verbal do grupo focal. O uso do modelo na interpretação dos dados permitiu uma análise de profundidade em que a observação sistemática permitiu confirmar a fala do sujeito coletivo e entender como se davam os processos formadores das ideias, das opiniões e das ações do grupo pesquisado.

No Programa Esporte e Lazer, a estratégia de coleta em grupo ajudou os informantes mais inibidos e menos hábeis na exposição oral, que se sentiram autoconfiantes e expressaram o que sentiam diante de colegas que os incentivavam a falar.

A entrevista com o grupo era breve. Reuníamos quem pudesse permanecer uns minutos, fazíamos breve apresentação do estudo que estávamos fazendo e falávamos da produção do material pedagógico

que contribuiria para o êxito do projeto. No geral, contamos com a colaboração das pessoas, que se animavam com a perspectiva do projeto continuar.

A razão para o uso desta metodologia de coleta de dados, que começa com a entrevista de elite, privilegia a conversa em grupo, e não as entrevistas individuais. As primeiras entrevistas individuais com os participantes pouco rendiam, uma vez que as pessoas se sentiam constrangidas, quando solicitadas a falar de razões da vinda para os projetos, ou das dificuldades em participar das atividades, pois normalmente havia as pessoas próximas das entrevistas, que ouviam e por vezes interferiam. Logo na fase piloto, concluimos que era mais produtivo conversar com o grupo dos participantes de cada atividade, em caráter informal, com o que conseguimos respostas e posicionamentos mais transparentes dos participantes de cada grupo.

Durante as conversas, mantivemos o roteiro básico das perguntas, relacionadas a gênero, raça, idade e deficiência, fazendo perguntas relacionadas a esses tópicos, tais como: Vocês sabem o porquê da grande quantidade de mulheres nesta atividade? Se houvesse um idoso, vocês jogariam com ele? Por que os maridos não vêm? Vocês gostam de jogar com as meninas? Tem racismo aqui no projeto? Por que não vemos pessoas com deficiência por aqui?

Conversávamos sobre dificuldades e facilidades de participação nas atividades, atentos a cada ideia, detalhe ou comentário que resultasse da conversa. Com o diário de campo aberto, anotávamos os comportamentos e as falas que nos pareciam importantes. Nessas falas, despontavam as pessoas que mostravam espírito de liderança. Após a entrevista grupal, procurávamos conversar mais com essas pessoas, como informantes de elite. Geralmente são pessoas com mais maturidade e mais tempo de projeto.

Natureza das atividades do PELC

Os fundamentos para a proposta do PELC-T (Projeto Esporte e Lazer da Cidade- Todas as idades) convergem para as propostas do Ministério do Esporte, de oferecer aos segmentos das comunidades mais vulneráveis as oportunidades de esporte e lazer, no interior das comunidades. Em cada comunidade, o levantamento sociodiagnóstico preliminar seleciona as modalidades de esporte e lazer mais adequadas ao seu perfil e aos desejos de seus membros.

As atividades oferecidas variam, de acordo com as disponibilidades dos ambientes e professores e em sintonia com os desejos e projetos pessoais dos membros das comunidades. Algumas atividades predominam na maioria dos núcleos, a exemplo da ginástica, vôlei e futebol. Há atividades que são privativas de alguns poucos núcleos ou só se desenvolvem em um ou dois, a exemplo de alongamento, artesanato, dança do ventre, tênis de mesa, pimbolim e musculação. Não constam jogos de carta, nem atividades de lazer típicas de bares, como sinuca.

Análise dos dados

Na análise breve que apresentamos em seguida, não vamos identificar as comunidades nem os participantes. Normalmente, falaremos dos doze núcleos como se fossem apenas um, pois chegamos a esse número de núcleos pelo critério da redundância. O Rio de Janeiro possuía 20 núcleos do PELC, mas, após termos visitado e acompanhado os núcleos aqui referidos, pudemos constatar que as informações se repetiam, não havia mais novidades nos depoimentos dos informantes.

Gênero e idade propiciaram narrativas densas e polêmicas. Para ambas as variáveis, o preconceito e a discriminação se manifestam nos dois pólos: homens e mulheres se discriminam em algumas atividades; jovens e idosos fazem o mesmo em outras. As propostas

que não levam em conta os interesses específicos dos grupos que se formam nesses pólos perdem participantes, que se evadem, e perdem a oportunidade de novas adesões. Esta constatação resulta da observação e da análise das conversas nos diferentes núcleos em que atuamos no curso da investigação. Mais abaixo, vamos relatar alguns episódios de discriminação, para ilustrar a conclusão geral.

Presenciamos situações em que havia atitudes e ações preconceituosas e discriminatórias em relação a essas variáveis e identificamos vários motivos pelos quais as pessoas de sexo distinto e de faixas etárias diferentes não fazem atividades juntas, com argumentos como vergonha e interesses esportivos ou pessoais particulares.

Gênero

Quanto ao gênero, verificamos que homens raramente comparecem em atividades em que predominam as mulheres, assim como mulheres não aparecem em atividades em que predominam os homens, sejam quais forem essas atividades.

Atividades culturalmente caracterizadas como masculinas ou femininas são um desafio para os professores. Uma garota disse que *só vai ao futebol se uma amiga for junto, tem vergonha porque os meninos vão ficar olhando, se fosse em um lugar fechado, e só com mulher, seria melhor*

Outra garota, de um núcleo em que é a única menina que joga futebol da turma, disse: *só por que sou menina ninguém passa a bola pra mim, se tivesse uma turma só de menina um monte de amiga minha*.

Um professor nos relatou que *muitas garotas já lhe perguntaram se poderiam jogar, ele sempre diz que sim, mas ao verem grande quantidade de homens jogando elas desistem e dizem: ah não, vão me machucar, eles chutam muito forte*.

Os meninos, por sua vez, não gostam de jogar com elas, por elas serem “*pernas de pau*”. No futebol, nos núcleos visitados, a predominância absoluta é de homens; há apenas uma comunidade em que o número de mulheres praticando futebol é significativo. Nesse núcleo, ao serem perguntados se gostam de jogar com elas, os rapazes disseram *sim, não há problema algum*. O mesmo disseram as meninas. Mas ao serem perguntados/as se preferem uma turma só deles, ou só delas, a resposta pronta foi *sim, seria bem melhor*, contrariando a primeira resposta.

Já nas atividades de alongamento e ginástica, onde as mulheres são absolutas, as senhoras disseram que *eles não vêm porque têm vergonha, tem muita mulher*. Segundo essas mulheres, muitos homens não vêm porque trabalham; quando a atividade é muito cedo *preferem ficar dormindo*, completa outra senhora.

Após conversarmos com um grupo de mulheres que lamentavam por seus maridos não participarem de atividades que elas consideram importantes, visitamos e entrevistamos um senhor que não frequenta as atividades. Pois seus amigos nos diziam que ele, provavelmente, atenderia a nosso convite e viria participar. Ao ser perguntado sobre o motivo da sua ausência, após pensar um pouco, disse que *provavelmente é por vergonha*. Vergonha de quê, perguntamos. *Ora, dos que os outros homens vão dizer ao me verem fazendo atividades com mulheres*.

Em outro caso, durante uma aula de dança de salão com predominância de mulheres, um dos poucos homens presentes disse sofrer preconceito dos amigos, *eles falam que dança de salão é coisa de mulherzinha, boiolinha*.

Tivemos a oportunidade de observar e entrevistar um participante que assume identidade feminina e adotou o nome de uma celebridade feminina. Nas aulas de capoeira ele fica ao fundo e é praticamente ignorado pela professora. Ele diz que *deixa de ir alguns dias, porque as*

peessoas são muito preconceituosas. Por apanhar muito, em casa de seu irmão e na rua de seus “amigos” começou a fazer aulas de capoeira, *só faço esta aula, pra poder me defender dos ataques*.

Temos também o relato da garota que se destaca no futsal e, por ter habilidade com a bola, é chamada de “*sapatona*”, o que ela odeia. Por causa desse apelido, deixou de ir ao núcleo, o que ilustra o poder do apelido, como fator de evasão e não participação das pessoas nas atividades.

O grau de habilidade motora, por vezes associada a gênero, contribui para a ausência e evasão das pessoas. Em um dos núcleos, constatamos que as aulas de vôlei têm um aspecto de treinamento e congregam pessoas que já possuem certo grau de habilidade. Segundo os próprios alunos desta turma, este fato contribui para o afastamento das pessoas menos habilidosas. O professor justifica o afastamento, dizendo que *é muito difícil mesclar turmas de futebol quando os meninos possuem habilidades e força física maiores que as meninas*.

Vários relatos dão conta da presença de homens, em atividades de lazer, próximo ao local de atividades, na primeira hora da manhã. Em vez de participar das atividades de alongamento e ginástica, eles jogam cartas ou sinuca. Perguntados sobre por que não participam das atividades do PELC, respondem que preferem atividades mais robustas, como correr e caminhar, e não as atividades referidas, ginástica e alongamento. Em termos gerais, podemos dizer que os homens rejeitam as atividades do PELC, e que dizem uma coisa e fazem outra.

O preconceito de gênero provém também dos pais dos participantes, como no caso da mãe que não gosta que sua filha fique perto de um participante considerado homossexual, ou da mãe que não deixa a filha jogar futebol: *vai fazer o que lá, futebol é coisa de homem*. Há também a mãe que não deixa a filha participar de um festival de pipas, ao ver que no festival predominam meninos. Por fim, vivenciamos situações

mais complexas, como a da professora que nos pede orientação para reverter a tendência de garotas que mostram indícios homoafetivos, para o desconforto de suas mães e da professora.

A síntese das falas dos grupos focais sobre gênero é que as atividades de lazer e esporte sofrem interferência dos estereótipos, do preconceito e da discriminação de gênero. As pessoas que participam se incomodam, se evadem ou desistem de participar das atividades, porque os familiares desaconselham, ou os membros de suas comunidades os desautorizam, quer movidos por preconceito, quer por zelo e cuidado face ao preconceito dos colegas.

A interpretação é que urge discutir, no grupo, as questões de gênero, problematizar os riscos da discriminação entre os coordenadores e estagiários e, quando possível, formular listas de comportamentos esperados dos membros de cada núcleo.

Idade

Quanto à idade, os desafios se acumulam, em todos os núcleos. São comuns os relatos como o dessa professora, nas atividades que ela coordena: *quando os jovens aparecem e vêem grande quantidade de idosos, não aparecem mais*. Em aulas como alongamento e ginástica, que acontecem na primeira hora da manhã, as moças não aparecem, e as senhoras, suas mães ou avós, dizem que *as jovens têm preguiça, não gostam de acordar cedo, elas não gostam de fazer com a gente, olham torto pra gente*. Na visita a um dos núcleos, conversávamos com uma garota de 21 anos, que assistia a uma aula de ginástica em que a maioria dos participantes era formada por idosos; ao ser perguntada sobre o motivo pelo qual não fazia aquela atividade, ela respondeu: *as aulas têm um ritmo muito lento, prefiro pagar uma academia, onde os resultados são mais rápidos*.

Na visita a um núcleo forte em futebol, em que jogavam dois

times de garotos com idade entre 16 a 20 anos, quando perguntamos se aceitavam gente mais velha, eles disseram *que se tivesse idoso o futebol perderia a graça, pois iria virar uma brincadeira, não teria competição.*

Além da habilidade, há também o problema da vergonha, como se verifica no caso de outro núcleo, em uma aula de futebol em que só havia jovens jogando. Eles disseram *não ver problemas em jogar com gente mais velha*, mas ao serem perguntados *se já convidaram seus pais para participarem das atividades*, um dos alunos respondeu: *Eu não, semana passada fiz um gol contra, vai que meu pai vê isso.*

Uma mulher de 40 anos, que fazia aula de capoeira pelo segundo dia em uma turma de jovens, disse *que na primeira vez olharam torto para ela que, por sua vez, não tinha procurado a capoeira antes porque, vendo tanta gente jovem, pensava que era coisa de colégio.*

Em uma de nossas visitas a uma comunidade, uma professora substituta não sabia quem eram os bolsistas de iniciação científica que estavam fazendo aula de ginástica, e falou: *Ué, vocês vão fazer, tão novinhos.* Uma mulher que estava próxima, resmungou: *você tá chamando a gente de velha?*

Asíntese, para idade, é tão delicada como para gênero: as gerações não se misturam; elas se afastam e se repudiam, reciprocamente, de modo que os programas que se destinam a todas as idades não conseguem reunir as pessoas de geração distinta na mesma atividade. Interpretamos essa dificuldade de convivência como inevitável e propomos que os programas sociais formulem estratégias e propostas de lazer específicas de cada faixa etária.

Raça e etnia

Não encontramos registros discriminatórios explícitos relacionados a raça. Não presenciamos nenhum episódio de racismo,

no sentido legal do termo. Nesse sentido, é cada vez mais difícil flagrar racismo no dia-a-dia. Podemos encontrar manifestações de injúria, ofensa ou difamação, mas não impedimento de acesso aos núcleos por razões raciais.

A lei 7716 de 05 de janeiro de 1989 trata dos crimes de racismo, inafiançáveis. Os crimes de racismo se resumem em impedir ou dificultar a integração entre negros e não negros, no sentido de impedir, recusar ou negar o acesso dos negros aos diferentes tipos de grupos sociais brasileiros.

Quando as pessoas que se sentem ofendidas vão à justiça, se a ofensa for verbal, normalmente o maltrato é classificado como injúria, calúnia ou difamação, mas não se enquadra nos crimes de racismo.

O texto legal restringe os atos racistas aos que forem apanhados em flagrante, com contexto explícito de negação de acesso por causa da raça, e não por causa do vestuário ou de outras circunstâncias que possam prejudicar o ambiente social. Em vista dessa interpretação, somos um povo que discrimina os negros, o que é fácil provar, mas com pouquíssimas manifestações de racismo, no sentido de que as pessoas podem integrar-se como o desejarem, sem restrições raciais⁴.

Começamos contextualizando discriminação contra raça e etnia. Em princípio, a primeira discriminação tem base em traços raciais, enquanto a segunda, etnicismo, é discriminação com base em traços culturais. Normalmente falaremos em discriminação racial, deixando o termo etnicismo para determinados processos discriminatórios que

4 Temos racismo, no sentido do termo, no caso registrado na cidade de Hammond, na Louisiana, em 15 de outubro de 2009, segundo a Associated Press, quando o juiz de paz, Keith Bardwell, não permitiu o casamento de homem negro com mulher branca. Mesmo nesse caso, ele argumentou que não está sendo racista, pois faz casamentos de duplas da mesma raça e, no caso, está pensando no bem das crianças, já que normalmente esses casamentos duram pouco.

são motivados por razões culturais, como, por exemplo, a procedência geográfica das pessoas ou a opção por certos rituais, danças e mitos.

A discriminação no Brasil, assim como em qualquer parte do mundo, parece natural, com uma alta frequência de suas manifestações. Ancora-se na tradição histórica luso-brasileira das navegações ao redor da África e no processo de escravatura no Brasil colônia, que se estende até o final do século XIX (1888). Embora indesejável, acaba objetificando-se em atitudes contra a integração e contra a “mistura”, justificável, para a maioria discriminante⁵.

Apoiamo-nos nas idéias de Moscovici (2009), em *Preconceito e representações sociais*, sobre como os preconceitos se ancoram no núcleo figurativo do signo verbal, através de significantes que se tornam pontos de referência para ambos os pólos da discriminação. O preconceito se consolida via linguagem, na interação do dia-a-dia, pela convivência com mitos, narrativas, anedotas, apelidos e frases-feitas, que circulam na dinâmica cultural, contribuindo para a separação e atrapalhando projetos de integração⁶.

O contexto histórico da formação da população brasileira deixa implícito que o grupo étnico-racial branco é superior, cognitivo, moral e espiritual. A crença irracional da superioridade racial legitimou a escravidão e não resiste ao debate, como o provou a pesquisa da Datafolha, na qual a maioria absoluta de brancos e de negros rejeita

5 O termo *maioria*, aqui, refere-se ao grupo que detém o poder, ou que detém mais poder do que o grupo discriminado. Nesse sentido, mulheres, negros e velhos são minoria, independentemente da sua proporção numérica face aos discriminantes.

6 Em pesquisa da Data Folha de 1995, publicada pela Editora Ática, os informantes eram convidados a posicionar-se face a 12 frases-feitas, das quais reproduzimos três, preconceituosas: negro bom é negro de alma branca; as únicas coisas que os negros sabem fazer bem são música e esportes; negro, quando não faz besteira na entrada, faz na saída.

a discriminação, embora caia em contradições, a responder a algumas questões hipotéticas (por exemplo: aceitaria casamento interracial, aceitaria um chefe ou um vizinho negro).

Os argumentos para discriminação não se sustentam em termos cognitivos e só se justificam em termos éticos, muitas vezes com o apoio da ciência, que legitima a interpretação injusta. Interpretação na qual a discriminação é negada ou trivializada como brincadeira sem intenção agressiva, feita apenas para fazer rir.

O debate sobre as injustiças resultantes da discriminação racial, apresentada como um problema da nossa sociedade, visa sensibilizar negros e brancos sobre questões relacionadas às discriminações raciais.

O mito da democracia racial brasileira atribui ao passado escravista as desigualdades sociais e econômicas entre brancos e negros. Urge um debate sobre ganhos e perdas desse mito para a integração social, com garantia de acesso a todos aos bens culturais e materiais.

Deficiência

Nos núcleos que visitamos, não encontramos pessoas com deficiência. Não encontramos justificativa para tal situação, já que o PELC prevê o acesso a todos os segmentos, incluindo-se as pessoas com deficiência.

As deficiências dizem respeito, sobretudo, a dificuldade de andar, ver e ouvir; lembram cadeirantes, pessoas com bengala ou outros recursos. O PELC não tem deficientes, porque não está preparado para tê-los. Mesmo estando previsto pelo Ministério do Esporte, constatamos que o PELC não estava preparado para atendê-los. Parece que eles não estavam previstos na concepção inicial, a julgarmos pela ausência de rampas. Mas há, em projetos como o PELC, outro tipo de deficiência, associada à recepção das pessoas que apresentam desvio do

padrão corporal. A característica física dos que fogem do padrão pode contribuir para a evasão das atividades, como se vê pelo relato de um garoto sobre seu amigo que *veio, ficou só dois dias, e por ser gordinho era muito sacaneado, aí ele não quis mais vim*. Temos também o caso de um menino que é zombado por ter uma deformidade na cabeça, e ao ser perguntado como se sente ao ser *chamado de batata*, diz: *mexo com eles também*. Ou do menino que, por usar óculos de grau elevado, é chamado de quatro olhos, e diz que, se continuarem com o apelido, *vai sair do projeto*.

A síntese para a situação das pessoas com deficiência é negativa, no sentido de que não as encontramos nos núcleos do PELC. Por alguma razão elas não frequentam os espaços de lazer e esporte. Não procuramos os deficientes de cada comunidade para saber os motivos. Perguntamos aos estagiários, que não souberam responder. A interpretação é que as pessoas com deficiência foram esquecidas, no momento da organização das atividades e da infraestrutura de cada núcleo, porque são parte de uma minoria e pouco visíveis.

Síntese geral quanto a discriminação

A síntese geral do estudo é que os espaços públicos, que deveriam garantir acesso a todos, independentemente de diferenças de gênero, raça, idade ou deficiência, são marcados pela discriminação que dificulta a integração do *diferente* minoritário com a maioria discriminante. Retomando o ensaio de Moscovici sobre preconceito e representações sociais, cabe mostrar que cada um dos tipos de discriminação aqui abordada se fundamenta em crenças antiéticas, que precisam ser desqualificadas através da problematização da sua trajetória histórica e dos modos como se objetiva no presente. Mais do que isso, segundo o pesquisador, citando Sócrates: “O que nos ocupa é saber como se deve viver” (p. 33).

Os núcleos de esporte e lazer convivem, em relativa paz, com atitudes, comportamentos, palavras e gestos discriminatórios e preconceituosos face a gênero, a idade e a raça, por parte dos participantes, bem como de pessoas externas, que não participam, e, principalmente, por parte dos pais dos alunos. Os agentes dos núcleos incorporaram representações preconceituosas que se travestem como traços da cultura local e que, por isso mesmo, são interpretadas como naturais pelos participantes.

Conclusão e propostas de discussão

Cabe-nos ocupar a nossa atenção com Sócrates, em outros modos de viver, o que supõe tratar os tipos de discriminação aqui estudados como problemas que precisam ser discutidos abertamente, avaliados e descritos, em sua trajetória histórica e na extensão com que se manifestam.

A criação de turmas separadas por sexo e por idade, sugestão polêmica, pode atender à dificuldade de integrar homens e mulheres, velhos e jovens, em algumas atividades (como futebol e ginástica). A alternativa menos traumática, mas não integradora, é oferecer atividades simultâneas para os segmentos distintos, quanto a gênero e idade, o que já acontece em alguns núcleos. Em ambos os casos, o estudo sugere que se discutam, em grupos de estagiários e de participantes, as principais dificuldades de convivência e os transtornos causados pela discriminação e pelo preconceito, manifestos quer sob a forma de apelidos, quer pela recusa em participar das atividades em conjunto com pessoas que pertencem a outros segmentos.

Deve-se avaliar criticamente a alternativa de aumentar o número de atividades recreativas, diminuindo assim o caráter competitivo e contribuindo para adesão de pessoas que não possuam muita habilidade motora. A sugestão de tal avaliação decorre da constatação de que o

caráter competitivo das atividades contribui para a adesão das pessoas aos programas.

A criação de turmas de níveis diferenciados de aptidão física pode ser alternativa fidelizadora, que paga o risco da desagregação do grupo e da criação de guetos, hierarquicamente organizados. Cabe problematizar, também, este aspecto.

Deve-se também avaliar o pedido de mais atividades, adequadas aos interesses de mães, tias e avós, que levam as crianças aos núcleos e lá ficam sedentárias, sem o que fazer, esperando que as crianças façam as atividades. Alguns núcleos atendem parcialmente a esta reivindicação, com a oferta de atividades de artesanato, com a produção de artefatos úteis para o lar, como obras de arte ou equipamentos básicos da casa. Este item também merece discussão e encaminhamento de sugestões aos responsáveis para a elaboração de propostas.

A meta deste estudo é, com base nos resultados do levantamento sociodiagnóstico, elaborar um material pedagógico para orientar os monitores e coordenadores dos núcleos. A fonte principal de ideias é o manual intitulado *Gênero e raça: discriminação no esporte e no lazer* (GOELLNER et al., 2009), produzido pelos autores do presente manual. Para confecção do material, tivemos como base o manual português “*Despertar para igualdade mais desporto na escola*” (BOTELHO, 2005), que registra algumas alternativas para diminuir a evasão e favorecer a participação das moças no projeto.

O objetivo inicial do material de apoio era orientar coordenadores, professores e participantes com propostas para discutir e problematizar a discriminação nos projetos, com vistas a ampliar a consciência crítica dos envolvidos com as atividades de lazer e esporte. O contato com os problemas de discriminação, que se manifestam nas famílias e nas comunidades locais, nos levou a ampliar o leque dos usuários, atendendo também os familiares e responsáveis dos alunos, levando-se em conta

seu papel na orientação dos segmentos infantis e juvenis dos núcleos.

O manual se concebe como um dos elementos da interação entre pesquisadores e usuários do sistema esportivo, centrado no aprendiz. As quatro unidades que o constituem oferecem material para desnaturalizar os mecanismos de discriminação. Ajudam a desvendar e desqualificar os argumentos de base cognitiva e de desempenho, que justificam o preconceito. Permitem problematizar situações do cotidiano em que se verifica segregação. Contribuem para a compreensão de que todas as pessoas têm o direito de participar nas atividades esportivas e de lazer, independentemente de diferenças associadas a raça, gênero, idade e deficiência.

O manual visa promover a integração, a cooperação e a solidariedade; oportuniza atividades individuais e em grupos; é utilizável em cursos para atualização e formação de professores e oferece oportunidades para a autoavaliação.

Referências

- ALVES, A. P. e VOTRE, S. *Mulheres na dança do movimento hip hop: a construção do sujeito reflexivo a partir de uma nova pedagogia de gênero*. (a sair em Dossiê de Gênero e Atividade Físico-Desportiva, Revista GÊNERO, UFF).
- BOTELHO, “*Despertar para igualdade mais desporto na escola*”. 2005
- CAVALCANTI, F. L. e CAVALCANTI, M. C. Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto-organização, *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, art. 0166, 2007.
- CRUZ, I. e GOMES, P. G. *Mais desporto: despertar para a igualdade na escola*. Associação Portuguesa Mulher e Desporto: Porto, 2006.
- FERREIRA, M. P. A. e MARCELINO, N. C. *Brincar, jogar, viver: programa de esporte e lazer da cidade. Vol. 1*. Ministério do Esporte, 2007.

FOLHA DE SÃO PAULO/Datafolha. *Racismo cordial*. A mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil. São Paulo: Editora Ática, 1995.

GIDDENS, A. *Mundo em descontrolado: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

_____. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

GOELLNER, S. et al. *Estudo sócio-diagnóstico sobre etnia e gênero em programas de esporte e lazer: subsídios para elaboração de políticas públicas inclusivas*. Ministério do Esporte, 2007.

GOELLNER, Silvana V.; VOTRE, Sebastião J.; MOURÃO, Ludmila; FIGUEIRA, Márcia L. M. *Gênero e raça: inclusão no esporte e lazer*. Porto Alegre: Ministério do Esporte, 2009

GUIMARÃES, A. *Preconceito racial: modos, temas e tempos*. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

IBGE. *Censo Demográfico 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

Kamel, Ali. *Não somos preconceituosos: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2006.

MOSCOVICI, S. Preconceito e representações sociais. In M. O. Almeida, Angela e JODELET, Denise (Orgs.). *Interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas – representações sociais*. Brasília: Thesaurus, 2009.

OLIVEIRA, F. *Agressão na escola fundamental- representações e práticas de alunos e professores*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

SOUZA, A., VOTRE, S. e LOVISOLO, H. *Análise do discurso de adolescentes moradores de rua de Belo Horizonte sobre imagem corporal e relações de poder*. 2008. 24f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

RIBEIRO, P. R. C. (Org.). *Corpos, gêneros e sexualidades: questões*

possíveis para o currículo escolar. Caderno Pedagógico. Anos Iniciais. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

RIBEIRO, P. R. C. e QUADRADO, R. (Orgs.). *Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar*. Caderno Pedagógico. Anos Finais. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

STIGGER, M. P., GONZÁLEZ, F. J. e SILVEIRA, R. *Esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, 194p.

STOER, S. R., MAGALHÃES, A. M. e RODRIGUES, D. *Os lugares da exclusão: um dispositivo de diferenciação pedagógica*. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

MATERIAL DE APOIO PEDAGÓGICO

Este material pedagógico se compõe de quatro unidades, sobre tópicos em que se verifica a discriminação nos projetos sociais de esporte e lazer: gênero, raça, idade e deficiência. Em cada unidade, oferecemos propostas de temas para serem discutidos com os participantes, com vistas a problematizar e trazer para o nível da consciência crítica situações de injustiça e crueldade, que podem passar despercebidas ou ser naturalizadas, interpretadas como elemento da cultura.

Grande parte das atividades de reflexão e de problematização do preconceito e da discriminação em cada unidade está associada a filmes e livros. Nossa sugestão para desenvolver a consciência crítica dos participantes, através de filmes, coincide com o que se propõe no projeto sobre *O uso de filmes como recurso pedagógico para discutir o conceito de narrativa*, de Felipe Gonçalves Figueira e Adalberto Muller⁷. Nesta proposta, os participantes dos núcleos vivenciam uma “situação desencadeadora de problematização - nesse caso o filme - a partir do qual devem surgir discussões que irão problematizar suas experiências anteriores ligadas a determinado assunto, tendo como objetivo a construção do saber”. É difícil prever o que vai resultar da discussão, pois o debate leva em conta as vivências anteriores dos participantes.

Precedemos as unidades do material por conceitos gerais, que são úteis para as atividades de reflexão e problematização das situações de discriminação.

Diversidade. Termo utilizado para fazer referência às diferenças existentes entre as pessoas, tais como as culturais, de gênero, étnicas, raciais, religiosas, de geração, de inserção social e de situação econômica,

7 O projeto foi apresentado na Semana Acadêmica da UFF, em outubro de 2009.

socializar e se realizar, através da comunicação e adesão aos costumes deste mesmo grupo.

entre outras. Em uma sociedade justa, todas as pessoas são consideradas iguais em seus direitos, independentemente de suas características pessoais e sócio-culturais, a exemplo de raça, etnia ou sexo.

Identidade. É a forma como nos identificamos, nos diversos contextos sociais nos quais estamos envolvidos. Por isso podemos falar de identidade sexual, racial, religiosa e profissional, entre outras. É a posição de sujeito que assumimos nas mais distintas situações. A identidade, portanto, não é algo que se origina de uma suposta essência, nem é homogênea, fixa ou acabada. A identidade está sempre em processo de construção. Depende de algo fora dela, para existir. Assim, a identidade feminina depende da masculina, que ela não é, mas que fornece as condições para que ela exista. A identidade é, assim, marcada pela diferença.

Imagem corporal. Entende-se por imagem corporal o modo como as pessoas vêem e sentem o seu corpo e os corpos de outros/as; é algo que se desenvolve ao longo da vida. A maneira como a cultura e a mídia representam os corpos masculinos e femininos, a moda, as tradições culturais e as atitudes de colegas são fatores que influenciam as pessoas em busca de uma imagem de corpo ideal.

Inclusão. Direito de convivência das pessoas que se afastam do padrão dominante, em diferentes espaços sexuais e étnico-raciais, independentemente das diferenças face ao padrão.

Integração. Coparticipação de pessoas de grupos distintos no mesmo espaço e nas mesmas atividades, independentemente de diferenças de crenças e representações sobre si mesmos e sobre os outros.

Socialização. Processo através do qual um indivíduo se torna membro funcional de um grupo social, assimilando características e hábitos desse grupo, assimilando também a cultura presente do grupo social em que se insere. É um processo interminável, que começa pela imitação dos hábitos, gestos e falas dos membros do grupo com o qual queira se

Unidade sobre discriminação de gênero⁸

O objetivo desta unidade é apresentar às pessoas envolvidas com os projetos sociais alguns conceitos, procedimentos, atitudes, referências e dicas que consideramos importantes, com vistas a integrar pessoas de sexos distintos nos núcleos e democratizar o acesso de todos às atividades de esporte e lazer. Oferecemos também alguns subsídios teóricos para favorecer o debate sobre a discriminação de gênero de forma a alargar a consciência dos participantes sobre seu caráter perverso. A expectativa mínima é que se exercite a argumentação sobre a questão de gênero nos programas de esporte e lazer.

O sucesso das políticas inclusivas, nos núcleos, depende em parte do modo como trabalhamos com a discriminação e como discutimos com os participantes as dificuldades e alternativas de integração. Neste material, discutimos e problematizamos a identidade de gênero. Fazemos isso com base nas injustiças, distinções e diferenciações que acontecem pelo simples fato de uma pessoa ser identificada como masculina ou feminina. Discutimos para trazer o problema ao plano da consciência, pois não nos damos conta de que ocorre exclusão nas atividades de esporte e lazer no interior dos projetos sociais que buscam a *inclusão*. As pessoas responsáveis pelas atividades não estão suficientemente atentas e preparadas para lidar com a discriminação de forma adequada.

Vamos procurar identificar os benefícios de se agir em prol de uma perspectiva inclusiva no que diz respeito a gênero. A ação proativa implica outras ações urgentes: identificar, denunciar e desqualificar os estereótipos culturalmente construídos, que controlam e imobilizam papéis e funções específicas para homens e mulheres; reduzir as desigualdades de acesso e permanência nas atividades de esporte e

8 Esta unidade retoma e mantém as idéias presentes no material produzido pelo mesmo grupo para o Ministério do Esporte, coordenado por Silvana Goellner: *Gênero e Raça: inclusão no esporte e no lazer*. Porto Alegre: Ministério do Esporte, 2009.

lazer para ambos os sexos; criar condições para o enfrentamento dos preconceitos e da discriminação de gênero; favorecer a criação de um ambiente crítico, apoiando comportamentos e atitudes igualitárias, que valorizem as diversidades e as diferenças relacionadas a gênero; discutir e propor formas de resistências contra a injustiça e a desigualdade de gênero; identificar e desestabilizar os discursos sexistas discriminatórios, presentes nas mídias eletrônicas e impressas, nos materiais didáticos, nas músicas e filmes, nos romances e nas novelas, na literatura infanto-juvenil e em outros artefatos culturais que circulam no nosso cotidiano; discutir o papel que a linguagem desempenha na produção e reprodução das desigualdades, dos preconceitos, valores e atitudes de discriminação e preconceito contra as pessoas e os grupos que estão fora do padrão dominante: heterossexual; proporcionar aos participantes das atividades de esporte e lazer um atendimento qualificado, com destaque para o respeito às diferenças, as tradições e a cultura das pessoas e dos grupos sociais envolvidos.

Um pequeno glossário

O objetivo do glossário é esclarecer o uso de palavras e expressões, que encontramos no dia-a-dia, relacionadas a gênero para entendermos um pouco melhor a significação desses termos. Poderemos então utilizá-los com mais tranquilidade e explicitar melhor o que queremos dizer.

Assédio sexual. Assédio pode ser considerado como um tipo de atitude ou comportamento invasivo, por pessoas que detêm poder sobre subordinados, incluindo-se brincadeiras e comentários, que insultam, intimidam, humilham e que são maliciosos ou ofensivos para uma pessoa ou grupo de pessoas. O assédio cria, assim, um ambiente desconfortável àqueles a quem é direcionado. Quando esse comportamento tem foco no sexo, diz-se assédio sexual. O assédio sexual, portanto, caracteriza-se

como ameaça, como insinuação de ameaça ou hostilidade que envolve, por exemplo, favores sexuais. No Brasil o assédio sexual está assim definido na Lei nº 10. 224, de 15 de maio de 2001: “Constranger alguém com intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente de sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerente ao exercício de emprego, cargo ou função”.

Bissexual. Pessoa que se relaciona sexual e afetivamente com ambos os sexos.

Equidade de gênero. O acesso de todas as pessoas aos direitos universais deve ser garantido com ações de caráter universal e com ações específicas e afirmativas voltadas aos grupos historicamente discriminados. Buscar a equidade de gênero significa, portanto, eliminar as situações existentes de discriminação e de desigualdade para os grupos de menos poder, como as mulheres.

Gay. Termo utilizado para fazer referência à identidade social atribuída a um homem de orientação homossexual, que se relaciona sexual e afetivamente com uma pessoa do mesmo sexo.

Gênero. Condição social através da qual identificamos pessoas como pertencentes ao gênero masculino e feminino. Não é algo natural que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os sujeitos a partir daquilo que se identifica como masculino ou feminino. Exemplificando: jogar futebol é mais masculino do que feminino e dançar é mais feminino do que masculino. Essas afirmações não são “naturais”, mas construídas em cada cultura e, por esse motivo, não são iguais em todos os povos e grupos sociais.

Generificado. Termo utilizado para dizer de algo que é marcado pelas relações de gênero. O esporte e a dança, por exemplo, são espaços generificados, uma vez que produzem e reproduzem práticas e discursos que generificam os corpos e os sujeitos, ou seja, marcam-nos a partir

daquilo que cada cultura define como masculino ou feminino.

Identidade de gênero. Trata-se de uma construção histórica, cultural e social, que se faz acerca dos sujeitos e que está relacionada com as distinções que se baseiam no sexo. Refere-se a como os sujeitos se identificam como masculinos e femininos. Essa identificação de gênero pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento. Por exemplo, uma pessoa pode nascer homem e apresentar uma identidade de gênero feminina.

Identidade sexual. Trata-se de uma construção através da qual os sujeitos experienciam os afetos, desejos e prazeres corporais, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou solitárias. A identidade sexual também não é fixa nem imutável: uma mesma pessoa, ao longo de sua vida, pode apresentar mais de uma identidade sexual, ou seja, ser heterossexual, homossexual ou bissexual.

Lésbica. Identidade social atribuída à mulher homossexual, ou seja, que se relaciona sexual e afetivamente com pessoas do mesmo sexo.

Orientação sexual. Significa a orientação que cada sujeito dá ao exercício da sua sexualidade. Em outras palavras: “a direção ou a inclinação do desejo afetivo e erótico” (BRASIL, 2007).

Sexo. Termo que serve para descrever as características anatômicas e fisiológicas que diferenciam homens e mulheres. Ainda que essas distinções sejam dadas no nascimento, o significado atribuído a elas é cultural e histórico, como se vê nas expressões *belo sexo*, *sexo frágil* e *sexo forte*.

Sexismo. Termo utilizado para expressar preconceito, discriminação e violência, com base no sexo e no gênero, sobretudo em relação às mulheres, mas também para com os homens. Manifesta-se, por exemplo, cada vez que se inferiorizam mulheres/homens apenas em função de serem mulheres/homens.

Sexualidade. A sexualidade é entendida como uma construção histórica

e social e não como algo que é inerente ao ser humano. Envolve uma série de crenças, comportamentos, relações e práticas que permitem a homens e mulheres viverem, segundo seus modos, seus desejos e seus prazeres corporais.

Transgênero. Termo empregado para fazer referência a indivíduos que não se enquadram nas definições de homem e mulher, na forma como são construídas socialmente. A categoria inclui travestis, transformistas, intersexos, transexuais etc.

Situações que devemos compreender

Ao atuarmos numa perspectiva integrativa em relação a gênero, estamos contribuindo para democratizar o acesso ao esporte e ao lazer. Listamos abaixo algumas situações que devemos compreender para atuarmos de forma mais consistente.

As meninas/mulheres têm menos oportunidades para o lazer do que os meninos/homens porque, não raras vezes, elas desempenham atividades domésticas relacionadas ao cuidado com a casa e a educação dos irmãos, entre outras.

Os meninos/homens têm poucas oportunidades para o lazer porque, não raras vezes, no mercado de trabalho informal, desempenham atividades de “*bicos*”, para auxiliar na renda familiar.

A educação das meninas é mais direcionada ao espaço privado do que ao público, diferentemente dos meninos que, desde cedo, são incentivados a ir para a rua (inclusive para trabalhar).

A forma de viver a sexualidade tomada como correta e normal é a heterossexual. Outras formas são tomadas, muitas vezes, como incorretas, doentias, desviantes e, por isso, muitas vezes, não são consideradas nem respeitadas.

Como o esporte é identificado como uma prática viril, quando as meninas apresentam um perfil de habilidade e comportamento

mais agressivo para o jogo sua feminilidade é colocada em suspeição. Atitudes dessa natureza acabam por restringir a inserção e permanência delas no campo esportivo. Da mesma forma, quando os meninos não se adaptam ao esporte, sobretudo, às práticas coletivas ou aderem a práticas corporais, como a dança, também colocam em suspeição sua masculinidade.

Na linguagem cotidiana são recorrentes as expressões e palavras ofensivas de cunho sexista, tanto nas narrativas quanto nas piadas, adivinhações, trocadilhos e demais brincadeiras verbais.

O que podemos fazer para modificar este contexto de discriminação?

Pense nas oportunidades de acesso ao lazer e ao esporte para meninos e meninas.

O que você pode fazer, para diminuir o sofrimento de quem destoa do padrão dominante, referente ao gênero?

Muitas das questões, aqui apontadas, são difíceis de trabalhar junto aos grupos que participam das atividades de esporte e lazer. Por isso, precisamos conhecer mais sobre essas questões, para podermos problematizá-las, debatê-las, questioná-las e revelar seu caráter injusto e perverso. Pois negar o problema, só contribui para que a discriminação se reforce cada vez mais e, desse modo, continue a ser vista como natural ou normal.

Para alterar este contexto de injustiça social, torna-se necessário agirmos em prol de mudanças e estas podem ser pequenas e/ou grandiosas.

Eis algumas sugestões que podemos pôr em prática de imediato:

Criar um bom ambiente entre os participantes da atividade proposta e garantir que cada pessoa possa se expressar livremente e que

seja escutado/a e respeitado/a em suas opiniões.

Incentivar a prática de atividades esportivas para todos/as, independentemente do gênero, promovendo atividades nas quais meninos e meninas, homens e mulheres participem conjuntamente.

Recusar e denunciar a naturalização que se faz acerca dos gêneros bem como as noções tradicionais de que determinados esportes são para os meninos e outros para as meninas.

Oferecer atividades em turnos diferenciados visando adequar-se aos interesses e disponibilidades de horário e às condições de trabalho dos participantes.

Prestar atenção para o uso de palavras e expressões que denotam sexismo, e combater esse uso, sem cessar.

Procurar identificar situações onde acontecem discriminações e buscar interferir de forma a minimizá-las e evitá-las.

Não nos eximirmos do papel de educadores/as, pois nossa intervenção faz diferença!

Muitas vezes, as palavras e as expressões estão arraigadas na cultura, sob a forma de patrimônio coletivo, e sequer percebemos seus significados. Por exemplo:

“João parece uma *menina* jogando handebol” (referência a pouca habilidade de um menino para o esporte – indica que as mulheres são pouco habilidosas para os esportes).

“A Maria é mesmo um *Ronaldinho* de saias” (referência à menina que joga muito bem o futebol – indica que os homens são os referentes do esporte e as mulheres, quando se mostram boas atletas, se parecem com eles).

“O Brasil foi bem representado *pelos* atletas que participaram dos Jogos Pan-Americanos” (evitar a supressão do feminino, pois foram atletas homens e mulheres que participaram. Sugere-se usar *pelos/as*).

“O lazer tem muita importância no desenvolvimento integral do

homem”. O uso genérico do termo *homem* para referir-se a humanidade/sociedade, acaba por invisibilizar o protagonismo das mulheres. Seria mais adequado, por exemplo, dizer *humanidade*.

Dicas de filmes, sites e livros

Por considerarmos que a educação acontece em todos os espaços sociais (inclusive nos projetos sociais) e que não está relacionada apenas aos materiais didáticos, apresentamos a sugestão de alguns filmes e livros que podem ser usados tanto nas atividades desenvolvidas quanto na nossa formação, visto que suas temáticas possibilitam ampliarmos conhecimentos sobre as questões de gênero e sua articulação com as práticas de esporte e lazer.

Filmes que tematizam gênero e práticas corporais e esportivas

Ela é o cara (EUA, 2007)

Diretor: Andy Fickman

Quando a adolescente Viola descobre que o time feminino de futebol é cortado de sua escola, ela resolve se disfarçar de seu irmão gêmeo para jogar no time masculino da escola. Só que ela acaba se apaixonando pelo colega de quarto do irmão, Duke, ao mesmo tempo em que começa a ser assediada por Olivia, a garota por quem Duke é apaixonado. As coisas ficam mais complicadas ainda, quando aparece Sebastian, o verdadeiro irmão gêmeo de Viola.

Gracie (EUA, 2007)

Diretor: Davis Guggenheim

Gracie Bowen tem 15 anos e é a única menina numa família com três irmãos que vivem na cidade de New Jersey. Toda a vida de sua família gira em torno do futebol: seu pai e seus três irmãos são obcecados pelo esporte que praticam todos os dias, de manhã até a noite. Mas uma

tragédia inesperada muda a vida de Grace, quando seu irmão mais velho e único protetor, Johnny, estrela do time de futebol da faculdade, morre num acidente de automóvel e faz com que ela inicie uma luta pelo direito de todas as garotas jogarem em times de futebol competitivos.

Lírios d'água (França, 2007)

Diretora: Céline Sciamma

Num subúrbio de Paris, em pleno verão, três amigas de 15 anos praticam nado sincronizado e, enquanto convivem pelos corredores e vestiários da academia, despertam entre si os primeiros sentimentos de desejo, amor e violência. O nado sincronizado é tomado como uma metáfora, pois, na superfície, os rostos aparecem sorridentes, mas abaixo da linha d'água há muito esforço para garantir tal aparência. Uma efervescência de movimentos nem sempre tão suaves e coordenados.

Jump In! (EUA, 2007)

Diretor: Paul Hoen

Izzy Daniels é um adolescente do Brooklyn que está se preparando para se tornar campeão de boxe, para realizar um sonho do seu pai. No entanto se interessa por um novo um novo tipo de esporte, que é uma variante e um aperfeiçoamento da antiga brincadeira de pular corda, agora como esporte competitivo com concurso ao final e tudo. O roteiro, embora seja banal, apresenta conflitos com o pai, que deseja que ele seja boxeador como ele, e com os colegas, que acham que a nova prática esportiva do garoto é coisa de mulher.

Treinando com papai (EUA, 2007)

Diretor: Andy Fickman

Narra a história de um jogador de futebol americano, solteiro e que descobre que tem uma filha de 7 anos, resultado de um último encontro

com sua ex-esposa. A garota passa a morar com ele, o que faz com que ele tenha que se dividir entre treinos, festas e aulas de balé clássico, além de outras atividades com as quais não está acostumado.

Murderball - Paixão e glória (EUA, 2005)

Diretores: Dana Adam Shapiro e Henry-Alex Rubin

O documentário mostra as seleções de rúgbi em cadeiras de rodas dos Estados Unidos e do Canadá em busca de uma vaga nas Para-Olimpíadas de Atenas, realizadas em 2004. Também aborda questões pessoais dos jogadores, que têm dificuldades para fazer atividades simples, mas que, ao mesmo tempo, se superam a cada jogo e transformam suas existências em uma grande prova de coragem, ousadia e expressão de virilidade.

Hooligans (EUA e Reino Unido, 2005)

Diretor: Lexi Alexander

Após ser expulso injustamente da Universidade de Harvard, Matt Bruckner decide ir para a casa de sua irmã em Londres. Lá ele faz amizade com seu cunhado que o apresenta ao submundo dos *hooligans* do futebol inglês. Logo Matt aprende a marcar seu território, através das amizades que desenvolve neste mundo secreto e violento marcado por representações de virilidade e masculinidade.

Ginga (Brasil, 2006)

Diretores: Hank Levine, Marcelo Machado e Tocha Alves

Documentário que narra pequenas histórias de 10 jovens brasileiros, cujo sonho é entrar no universo do futebol. Dentre esses jovens encontram-se duas mulheres e um deficiente físico. O filme narra a ginga como um diferencial do futebol brasileiro.

Mauro Shampoo: jogador, cabeleireiro e homem (Brasil, 2005)

Diretores: Leonardo Cunha Lima e Paulo Henrique Fontenelle

O documentário apresenta Mauro Shampoo, cabeleireiro e ex-jogador de futebol que ficou famoso por jogar no Íbis Sport Club, conhecido como o pior time de futebol do mundo. Permite a discussão de gênero em função da profissão do jogador que, culturalmente, não está associada à masculinidade.

Disponível em: http://www.portacurtas.com.br/pop_160.asp?cod=4544&Exib=1

Os reis de Dogtown (EUA, 2005)

Diretora: Catherine Hardwicke

Nos anos 70, as ruas de Venice, na Califórnia, foram palco de uma revolução no mundo do skate. Um grupo de amigos decide levar os movimentos do surf para o skate, criando movimentos agressivos e sinuosos. Eles formam os Z-Boys, um grupo que na sua grande maioria é formado por jovens que levam uma vida difícil em casa. Treinando em piscinas vazias da cidade, eles aos poucos vão se tornando verdadeiras lendas dentro do universo do skate.

A luta pela esperança (EUA, 2005)

Diretor: Ron Howard

Jim Braddock era considerado um prodígio do boxe, mas foi obrigado a se aposentar prematuramente devido a uma série de derrotas no ringue. Com os Estados Unidos em meio à Grande Depressão, Jim aceita viver de bicos para poder sustentar sua esposa e os filhos. Jim sempre sonhou com a oportunidade de retornar ao mundo do boxe e tem sua chance quando, devido a um cancelamento de última hora, é escalado para enfrentar o 2º pugilista na disputa do título mundial. Para surpresa de todos Jim vence três lutas consecutivas, mesmo sendo bem mais magro que seus oponentes e tendo ferimentos nas mãos. Ele passa então a ganhar o apelido de “Cinderella Man” e se torna o símbolo de esperança

dos desprivilegiados da época.

Menina de ouro (EUA, 2004)

Diretor: Clint Eastwood

Frankie Dunn é um treinador de boxe que já conquistou vários títulos. É quando aparece em sua academia Maggie Fitzgerald. O problema é que Frankie nunca aceitou ser treinador de mulher alguma. O relacionamento de ambos vai crescendo, enquanto Maggie trabalha duro para se sustentar e ajudar sua família. Após muito esforço ela consegue com que Frankie seja seu treinador. Os dois juntos conseguem muitas vitórias, Maggie se torna uma ótima lutadora, até que um acontecimento muda definitivamente o destino dessas duas pessoas.

Billy Elliot (Inglaterra, 2000)

Diretor: Stephen Daldry

Billy Elliot é um garoto de 11 anos que vive numa pequena cidade da Inglaterra, onde o principal meio de sustento são as minas da cidade. Obrigado pelo pai a treinar boxe, Billy fica fascinado com a magia do balé, com o qual tem contato através de aulas de dança clássica que são realizadas na mesma academia onde pratica boxe. Incentivado pela professora de balé, que vê em Billy um talento nato para a dança, ele resolve então pendurar as luvas de boxe e se dedicar de corpo e alma à dança, mesmo tendo que enfrentar a contrariedade de seu irmão e seu pai à sua nova atividade.

Damas de ferro (Tailândia, 2000)

Diretor: Yongyooth Thongkonthun

O sonho dos atletas gays tailandeses Mo e Jung se realiza quando um novo treinador chega à cidade. Os rapazes, que sempre foram recusados ao tentar ingressar em outras equipes por serem homossexuais,

conseguem finalmente montar o seu próprio time para o campeonato estadual que se aproxima. Com o auxílio de outro atleta, C'hai, o único que não é gay, eles partem na busca de velhos colegas para o time. Forma-se então o time que fica famoso ao vencer o campeonato em 1996. O relacionamento entre os atletas vai se solidificando através do esporte e fazendo com que eles vençam os obstáculos do preconceito, com talento, improvisos e muito bom-humor. Em 2002 foi produzido o “Damas de Ferro 2 - Os primeiros passos”, uma continuação do primeiro filme.

Mulan (EUA, 1998)

Direção: Tony Bancroft e Barry Cookpós

Quando os mongóis invadem a China, o imperador decreta que cada família ceda um homem para o exército imperial. Com isso, uma jovem fica angustiada ao ver seu velho e doente pai ser convocado, por ser o único homem da família. Ele precisa ir, mesmo sabendo que certamente morrerá, para manter a honra da família. Assim, sua filha rouba sua armadura e espada, se disfarça de homem e se apresenta no lugar do pai, mas os espíritos dos ancestrais decidem protegê-la e ordenam a um dragão, que havia caído em desgraça, que convença a jovem a abandonar seu plano. Ele concorda, mas quando conhece a jovem descobre que ela não pode ser dissuadida e, assim, decide ajudá-la a cumprir sua perigosa missão de ir para a guerra e voltar viva.

Cartão vermelho (Brasil, 1994)

Diretora: Laís Bodanzky

Fernanda gosta de jogar futebol com os meninos. Joga bem, dribla, faz gol. Mas, para essa moleca de 12 anos, o apogeu de sua intimidade com a bola é fazê-la voar reta, direta, até o saco dos meninos. Então, ela sorri. Certo dia, ela chega correndo para o bate-bola, atrasada, mas não

encontra ninguém. Os meninos estão no esconderijo. Fernanda sabe onde é, mas nem imagina o que eles tramam!

Disponível em http://www.portacurtas.com.br/pop_160.asp?cod=265&Exib=5937

Uma equipe muito especial (EUA, 1992)

Diretora: Penny Marshall

Durante a II Guerra Mundial, com os homens lutando fora do país, é fundada nos EUA uma liga feminina de basebol, a All-American Girls' Professional Baseball League. Para montar um time, são procuradas garotas de diversas partes do país para jogar em Chicago. O esporte vai ajudar essas mulheres a superar uma fase difícil, e o treinador alcoólatra também verá uma chance de melhorar sua vida.

A pequena sereia (EUA, 1989)

Diretor: Ron Clements e John Musker

Ariel é a filha caçula do Rei Tritão, comandante dos sete mares, que está insatisfeita com sua vida. Ela deseja caminhar entre os humanos para conhecê-los melhor, mas sempre é proibida por seu pai, que considera os humanos como sendo “bárbaros comedores de peixe”. Até que ela se apaixona por um jovem príncipe e, no intuito de conhecê-lo, resolve firmar um pacto com Úrsula, a bruxa do reino, que faz com que ela ganhe pernas e se torne uma verdadeira humana. Entretanto, Úrsula também tem seus planos, e esses incluem a conquista do reino de Tritão.

Onda nova (Brasil, 1983)

Diretores: Ícaro Martins e José Antônio Garcia

O time Gaivota Futebol Clube é formado por garotas super amigas que jogam o jogo da vida com a mesma intensidade, alegria e energia com que entram em campo. Amores, loucuras, desilusões, drogas, exercício da sexualidade e aventuras são temas recorrentes no filme, cujo contexto

se desenvolve no Rio de Janeiro dos anos 1980.

Livros infantis e infanto-juvenis

BRANDÃO, Toni. *Badgá, o skatista*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2006.

BRANCO, Sandra. *Por que meninos têm pés grandes e meninas pequenos?* Ilustração Ema Neves. São Paulo: Cortez, 2004.

LOPES, Cida. *Nem tão rosa, nem tão azul. Ser menino e ser menina*. Ilustrações Belli Studio. s/l: Edições Todo Livro, s/d.

RIBEIRO, Marcos. *Menino brinca de boneca?* Ilustração Bia Salgueiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.

Livros indicados para o aprofundamento dos estudos sobre gênero

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA MULHERES E DESPORTO. *Despertar para a igualdade: mais desporto na escola*. Porto: Saúde, Sá & Ca, Ltda. 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Gênero e diversidade sexual na escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos. Cadernos SECAD n. 4*. Brasília, fev.2007.

CANCLINI, Nestor. G. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CARVALHO, Maria J., CRUZ, Isabel. *Mulheres e desporto: Declarações e recomendações internacionais*. Portugal: Associação Portuguesa Mulheres e Desporto, 2007.

GOMES, Euza. M. P. *A participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro: desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Quartet, 2008.

GOMES, Paula B et al. *Equidade na educação: educação física e desporto na escola*. Queijas: Associação Portuguesa Mulheres e

nos jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2006.

VENTURI, Gustavo et al. (Orgs). *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. 1 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

VILLAR, Cristina e VILLARINO, Maria A. F. *A realidade físico-deportiva das mulleres em Galicia*. Xunta de Galicia: Servizo Galego de Igualdad, 2008.

Desporto, 2000.

GOELLNER, Silvana. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*, vol. 13, n. 2, maio-ago 2007, p. 171-196.

GOELLNER, Silvana. V. COUTO, Edvaldo. S. (Org). *Corpos mutantes: Ensaio sobre novas deficiências corporais*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

LOURO, Guacira L(Org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira L., GOELLNER, Silvana e FELIPE, Jane. (Org). *Corpo e Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

PAIVA, Raquel e BARBALHO, Alexandre (Orgs.). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo, 2005.

PEREIRA, Erik. G., ROMERO, Elaine. (Orgs). *Universo do corpo: masculinidades e feminilidades*. Rio de Janeiro: SHAPE, 2008.

QUEIROZ, Renato da S. *O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza*. São Paulo: SENAC, 1999.

RIBEIRO, Paula R. (Org.) *Corpos, gênero e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar. Anos Finais*. Rio Grande: Editora da FURG. 2007.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens*. 3 ed. São Paulo: Clássicos Martins Fontes, 2003.

SARTORI, Ari e BRITTO, Néli. (Orgs.) *Gênero na educação: espaço para a diversidade*. Florianópolis: Genus, 2008.

SILVA, Paula. *A construção/estruturação do gênero na Educação Física*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Gênero, 2008.

VALPORTO, Oscar. *Atleta, substantivo feminino: as mulheres brasileiras*

Unidade sobre discriminação de raça e etnia

O objetivo desta unidade é desmistificar a democracia racial brasileira e elaborar atividades promovendo a integração, com base na análise da discriminação contra o negro, o índio, o amarelo e o imigrante. Trata-se de um tipo de discriminação fácil de constatar, mas difícil de tratar. Socialmente adquirida, a discriminação ganha ares de sentimento natural, comum a uma parcela significativa da sociedade não negra. Segundo a pesquisa da Datafolha/Folha de São Paulo, de 1995, já mencionada, 87% dos não negros “manifestam preconceito contra negros em algum momento, ainda que de forma indireta” (p. 16). Por outro lado, a pesquisa revelou que 48% dos negros entrevistados revelam baixa autoestima, ao concordar em que “negro bom é negro de alma branca” (p. 26), ilustrando que a representação negativa envolve discriminantes e discriminados. Os dados do estudo da Datafolha reforçam a ideia de que a discriminação de raça cria desconforto e se mantém no silêncio, de forma velada.

O governo, através das políticas públicas, vem implementando ações positivas, para integrar o negro no ensino. Entretanto essas ações têm sido questionadas. Alguns apontam a possibilidade dessas ações fomentarem a discórdia entre grupos étnicos diferentes, outros destacam a reserva de cotas como forma de legitimar a discriminação racial. Em cada contexto sociocultural, há prioridades a serem atendidas, para mudar o quadro discriminador. Nos projetos de esporte e lazer, a ação que se pode fazer é fomentar o debate, trazer à tona o que parece natural e, através do exercício reflexivo, provar que a discriminação é antiética, fundada na rejeição, na recusa da integração, e não em razões cognitivas ou físicas.

Após ter claro que não se elimina numa discussão um sentimento que se construiu e se reforçou em quinhentos anos, pode-se contribuir na organização de grupos de debate, com participação de membros das

minorias e da maioria, através do esclarecimento dos direitos políticos, civis e sociais e resgatar o valor de sua contribuição na cultura brasileira. Essa organização vale para negros, índios, amarelos, imigrantes e outros subgrupos de pessoas postas à margem. A ideia básica, formulada por Sócrates, mencionada acima, é de aprender para “saber como se deve viver”

Vejamos como a discriminação de raça se ancora na cultura luso-brasileira. Portugal constituía, no tempo da descoberta, a nação de mais prestígio na Europa que cruzava os mares em atividades comerciais e militares. O espírito do colonizador fortalecia a crença de que seu grupo étnico dominador era um grupo superior, do ponto de vista físico, cognitivo, moral e espiritual. Os séculos de colonialismo europeu cristalizaram uma separação entre os eleitos, de sangue puro, e os outros, segregados e tratados como inferiores, próximos aos animais, chegando-se a afirmar, em certo contexto do debate sobre a escravidão brasileira, que esta não era crime, já que os escravos não possuíam alma.

O falso fundamento da diferença lógica e cognitiva apresentava-se como fato. Primeiro procurou-se escravizar os índios, que foram considerados incapazes para o trabalho. Procedeu-se então à escravidão dos negros, que foram descritos como de caráter primitivo, rebeldes, incapazes de adaptar-se a normas e a falta e, sobretudo, sem condições para se integrarem no contexto social. Vê-se, portanto, que a maior injustiça e perversidade, no preconceito de raça, se refere às barreiras contra a integração. Foi contra essa falsa crença que Mandela empreendeu uma luta sem tréguas pela integração na África do Sul, luta digna de ser imitada no contexto das nossas atividades de esporte e lazer.

Vivemos um momento de respeito e suporte aos movimentos dos grupos discriminados, que favorece a discussão dos problemas de integração e inclusão. Verifica-se também um crescimento do

antiracismo em nível internacional, apoiado pelas declarações oficiais dos governos, que respondem ao racismo e ao preconceito de raça com atos concretos e criação de instituições de defesa dos direitos dos grupos étnicos discriminados.

A linguagem ancora e sustenta a discriminação racial, ao permitir que se construam representações sociais racistas como se fossem verdades indiscutíveis. As crianças aprendem a ser racistas na interação cotidiana, com seus pais e com seus pares, na escola e, mesmo, no convívio com os grupos multiétnicos. Na conversação espontânea, costuram-se as ideologias racistas, que se revestem de falas engraçadas, hilárias, que fazem rir. O riso público, que se segue a uma anedota ou trocadilhos racistas, fortalece a discriminação, sem dizer seu nome. Podemos dizer que o mesmo ocorre nos livros escolares, na literatura, no cinema, nos artigos de jornal, nos programas de TV e na área das ciências humanas.

Sob a alegação de que determinados tópicos, como raça, religião e política não se discute, pouco se favorece o debate sobre as injustiças resultantes da discriminação racial. Para haver mudança, precisamos da combinação de dois fatores: a pressão internacional e as manifestações de resistência dos próprios grupos dominados. Entretanto, essas manifestações só surtem efeito, quando os argumentos em defesa da integração mostram o equívoco das representações discriminadoras, que são fundadas em raízes cognitivas.

A resistência à integração se deve aos traços negativos atribuídos à minoria como crime, preguiça e atraso. A esses traços negativos se contrapõem os positivos do grupo discriminador, como modernos, avançados, democráticos, tolerantes, hospitaleiros e úteis. Hoje, por força das leis, diminui o tom discriminador contra os membros da minoria, mas, quando estes erram, voltam os termos fortes, que hibernavam: são fracos, sem caráter, covardes, amarelam.

Em síntese, a dominação racista dos afro-brasileiros não é evidente, e é preciso atenção para flagrar o quanto o negro e a negra estão ausentes, ou subrepresentados nas conversas diárias, nos discursos políticos oficiais, na mídia, nos livros didáticos, nas telenovelas, no trabalho e na universidade.

São desiguais as oportunidades para brancos e negros no lazer e no esporte. Destaca-se o negro forte, corredor, lutador, a serviço do branco inteligente, articulador. O atleta a serviço do dono do time. Quando o negro falha é covarde, amarela. Quando o branco falha, teve azar, falta de sorte. Barbosa, negro, nunca foi perdoado pelo gol uruguaio, mas Zico e Dunga estavam sem sorte. Ronaldinho, negro, *amarela antes do jogo e abala a seleção*. O estigma contra o negro persiste, latente, e ressurge na hora da provação. Quando o negro falha, não é perdoado. É atingido em seu caráter.

Propomos que se discuta a discriminação racial a partir da exibição de filmes e vídeos que favoreçam aos participantes trazerem experiências pessoais de discriminação. O alvo da discussão é trazer à tona os processos de discriminação que ficam na sombra e, por não serem discutidos, passam a ser aceitos como naturais.

Filmes que tematizam racismo⁹

12 Homens e uma sentença (1957)

Doze jurados devem decidir se um homem é culpado ou não de um assassinato, sob pena de morte. Onze têm plena certeza de que ele é culpado, enquanto o jurado número 8 não acredita em sua inocência, mas também não o acha culpado. Decidido a analisar novamente os fatos do caso, ele enfrenta dificuldades de interpretação dos fatos para achar a inocência do réu, além da má vontade e os rancores dos outros jurados, que querem ir embora logo para as suas casas.

Banzé no Oeste (1974)

Uma cidade está prestes a ser atravessada por uma estrada de ferro. É quando um especulador contrata uma quadrilha para expulsar seus moradores, nomeando um xerife desmiolado para contê-los, sem saber que tudo não passa de uma farsa.

Os intocáveis (1987)

Em uma selvagem Chicago dos anos 30, o jovem policial Eliot Ness decide bater de frente com o crime organizado do temido Al Capone, recrutando alguns homens sem medo para neutralizar o tráfico de bebidas do criminoso, durante a lei seca americana.

A outra história americana (1998)

Derek Vinyard (Edward Norton) era o líder de uma violenta gangue racista, até ser preso e reavaliar seus conceitos. Quando sai, vê que seu irmão mais jovem está trilhando o mesmo caminho, e Derek tenta impedir que o irmão cometa esse erro.

Queimada! (1969)

William Walker (Marlon Brando) é um representante inglês, mandado para uma pequena ilha no Caribe, em 1845. Sua função é incentivar uma rebelião a fim de beneficiar os negócios ingleses, já que a ilha tem dominação portuguesa. Após dez anos, ele retorna para prestar declarações sobre quem ele pôs no poder.

Gran Torino (2008)

O funcionário aposentado da indústria automotiva Walt Kowalski é um veterano da Guerra da Coréia. Ele preenche seus dias fazendo consertos em casa, tomando cerveja e com visitas mensais ao barbeiro. Inflexível e com determinação inabalável, vive num mundo em transformação e se vê forçado pelos vizinhos imigrantes - que acabam de se mudar, vindos do Laos - a confrontar seus próprios preconceitos.

A cor púrpura (1985)

Em 1906, em uma pequena cidade da Geórgia, sul dos Estados Unidos, Celie, violentada pelo próprio pai, torna-se mãe de duas crianças. Separada dos filhos, Celie é doada a Mister, que a trata como companheira e

escrava ao mesmo tempo. Cada vez mais calada e solitária, Celie compartilha sua tristeza em carta.

A última noite (2002)

Em apenas 24 horas, Monty Brogan irá para a prisão por sete anos. Neste último dia de liberdade, Monty tenta reencontrar seu pai e dois grandes velhos amigos, Jacob e Slaughtery, e rever sua namorada, Naturelle, quem possivelmente o denunciou aos policiais.

Tempo de glória (1989)

A história do primeiro regimento negro dos EUA. Comandados por um oficial branco, os homens do 54º Regimento de Massachusetts aprenderam a lutar pela liberdade e pelo direito à cidadania, arriscando suas vidas em batalhas sangrentas.

O poder de um jovem (1992)

Um órfão aterrorizado pela crença política de sua família, o pequeno PK, procura ajuda em seu único amigo: um gentil e experiente prisioneiro que o ensina a lutar boxe. “O pequeno, quando é esperto vence o grande”, diz o prisioneiro. “Primeiro com a cabeça, depois com o coração.” Vivendo por essas palavras, PK amadurece lutando com os seus punhos e com o coração. Ele abala o sistema e as injustiças a sua volta e descobre que uma pessoa realmente pode fazer a diferença.

Um lugar no coração (1984)

Edna Spalding é uma solitária mulher dos anos 30, que, durante a Grande Depressão, tenta sustentar-se com sua família em uma fazenda de algodão no Texas. Apesar do grande preconceito de ter dado um emprego a um negro e acolher um cego, Edna tenta conseguir forças para reerguer sua fazenda.

This Is England (2006)

Shaun tem 12 anos e vive com a mãe em uma pequena cidade costeira na Inglaterra, em 1983. Solitário, sofre com a ausência do pai, morto na Guerra das Malvinas. No começo das férias escolares, conhece

uma gangue de skinheads, na qual encontra a amizade e os modelos de comportamento que procurava. Numa festa, é apresentado a Combo, skinhead mais velho, que acabou de sair da prisão e o adota como protegido. A postura racista do homem impressiona os jovens, mas todos o admiram, e logo a gangue começa a aterrorizar as minorias étnicas da vizinhança.

No limite (2008)

Relata a trajetória do jovem atleta Ernie Davis, o primeiro negro norte-americano a vencer o Prêmio Heisman, e, mesmo assim, é impedido de disputar a liga profissional. Ele superou os mais terríveis obstáculos, econômicos e raciais, para se tornar um dos mais rápidos e habilidosos “running backs” do time Syracuse Orangemen. Sob a orientação do técnico linha dura Bem Schwatzwalter, um pai de família obcecado pelo Título Nacional, Ernie se transforma em verdadeira lenda do esporte universitário.

Tempo de matar (1996)

Jovem advogado e sua assistente defendem um homem negro acusado de assassinar dois homens que estupraram sua filha de 10 anos, incitando o renascimento da Ku Klux Klan.

Entre os muros da escola (2008)

François e seus colegas professores preparam o novo ano letivo em uma difícil escola da periferia parisiense. Munidos das melhores intenções, eles se apoiam mutuamente para dar a melhor educação a seus alunos. A sala de aula, um microcosmo da França contemporânea, testemunha os choques entre as diferentes culturas. E por mais inspiradores e divertidos que sejam os adolescentes, seu comportamento difícil acaba com qualquer entusiasmo de professores mal pagos.

Escritores da liberdade (2007)

Quando vai parar numa escola corrompida pela violência e tensão racial, a professora Erin Gruwell combate um sistema deficiente, lutando para que a sala de aula faça diferença na vida dos estudantes. Agora, contando suas próprias histórias, e ouvindo as dos outros, uma turma de adolescentes supostamente indomáveis vai descobrir o poder da tol-

erância, recuperar suas vidas desfeitas e mudar seu mundo.

Cão branco (1982)

Um cão, treinado a vida toda para atacar pessoas negras, se torna um retrato dos `cães brancos` da África do Sul. Quando a jovem aspirante a atriz Julie o adota, nada sabe sobre sua condição, e o tempo passa sem nada ocorrer. Mas, aos poucos, ela percebe o comportamento racista do cão e o entrega a um treinador de animais para filmes e seu parceiro negro, Keys, para que eles tentem reeducar o animal.

Faça a coisa certa (1989)

Em um bairro em que a maioria da população é negra, Buggin' Out, um ativista, exige que Sal, um dono de uma pizzaria, troque as fotos de seus ídolos brancos do local por fotos de ídolos negros. Quando tem seu pedido negado, o ativista passa a organizar um boicote contra a pizzaria de Sal.

Os donos da rua (1991)

Reva, mãe de Tre Styles, decide entregar o filho aos cuidados do pai, pois ele é rebelde e ela não consegue educá-lo de uma forma boa. É então que Tre aprende alguns ensinamentos de seu pai, conhecendo, também, dois grandes amigos que moram em um ambiente de violência e pobreza em um bairro de maioria negra em Los Angeles.

Penalidade máxima (2001)

Danny Meehan é um ídolo do futebol inglês. Capitão do seu time e dono de carros possantes, ele aproveita ao máximo seu dinheiro e sua fama. Entretanto, Danny perde tudo o que conquistou em sua carreira após ter sido acusado de manipular o resultado de um jogo, tendo sido expulso do time por tal atitude. Para piorar ainda mais a situação, ele é condenado a 3 anos de prisão por ter agredido um policial quando estava bêbado. Sensibilizado com a situação, o Governador consegue fazer com que Danny fique em uma penitenciária sob sua administração, onde propõe que Danny treine o time de guardas local para que ele seja o campeão da liga nacional.

Pecados de guerra (1989)

Durante a Guerra do Vietnã, uma garota é levada de sua aldeia por cinco soldados americanos. No percurso, ela é violentamente estuprada. Mais tarde, o soldado que se recusara a participar do episódio, denunciará seus colegas de combate ao tribunal militar.

Mandela - luta pela liberdade (2007)

A história real de Nelson Mandela, no período de 20 anos que ficou preso, contada através das memórias de um guarda de prisão racista que teve sua vida completamente alterada pela convivência com o líder da África do Sul.

Amistad (1997)

Em 1839, navio espanhol La Amistad é capturado na Costa Leste dos Estados Unidos com 53 negros amotinados a bordo. Os escravos são levados a um julgamento que acende grande polêmica no país, envolvendo abolicionistas, que querem libertar os réus, e conservadores, que querem condená-los.

Pride - o orgulho de uma nação (2007)

Baseado em eventos reais, Pride conta a história de Jim Ellis, um carismático professor dos anos 70 que mudou algumas vidas para sempre quando criou uma equipe de natação formada por negros americanos em um dos bairros mais problemáticos da Filadélfia.

Referências

Livros infantis e infanto-juvenis

BRANDÃO, Toni. *Badgá, o skatista*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2006.

MEZZOMO, Victor Arthur et al. *Diferente é divertido*. Passo Fundo, RS: s/ed, 2005.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

FELINTO, Marilene. *As mulheres de Tijucopapo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FERRÉZ. *Capão pecado*. São Paulo: Labortexto, 2000.

_____. *Manual prático do ódio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

_____. *Ninguém é inocente em São Paulo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

FREIRE, Marcelino. *Balé Ralé*. São Paulo: Ateliê, 2003.

_____. *Contos negreiros*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 17. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

MELO, Patrícia. *Inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MOLICA, Fernando. *Bandeira negra, amor*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*. 11. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

TREVISAN, Dalton. O negro. In: *Mistérios de Curitiba*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979.

Livros e artigos indicados para o aprofundamento dos estudos sobre raça/etnia

ALVES, ANA PAULA E MOURÃO, LUDMILA. (no prelo). Mulheres no movimento *hip hop*: uma análise da categoria de gênero.

ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*. São Paulo: SENAC, 2000.

BARDIN, LAURENCE. Análise de conteúdo. 4ª ed. Lisboa: Edições 70, 2008.

CANCLINI, Nestor. G. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

- DALCASTAGNÉ, Regina. *Quando o preconceito se faz silêncio: relações raciais na literatura contemporânea*. GRAGOATÁ, nº 24, 2008.
- FLEURY, M. M. Dançarinos de rua: jovens entre projetos de lazer e trabalho. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.
- GIDDENS, A. Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.
- _____. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GOELLNER, Silvana; VOTRE, Sebastião et al. *Gênero e raça. Inclusão no esporte e no lazer*. Ministério do Esporte. 2009.
- GOMES, Paula B et al. *Equidade na educação: educação física e desporto na escola*. Queijas: Associação Portuguesa Mulheres e Desporto, 2000.
- GONÇALVES, Ana M. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- HERSCHMANN, M. O funk e o hip hop invadem a cena. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Censo demográfico 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.
- KEHL, M. R. *Função Fraternal*. Rio de Janeiro: Relume Dumará Editora, 2000.
- LEFEVRE, FERNANDO E LEFEVRE, ANA MARIA. Depoimentos e Discursos: uma proposta de análise em pesquisa social. Brasília: Liber Livro, Coleção série e pesquisa, 2005.
- LEFEVRE, FERNANDO, LEFEVRE, ANA MARIA CAVALCANTI e MARQUES, MARIA CRISTINA da COSTA. Discurso do sujeito

coletivo, complexidade e auto-organização. Revista Ciência e Saúde Coletiva, v. 6, p.166, 2007.

LIMA, M. S. Rap do Batom: família, educação e gênero no universo rap paulista. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

LODI, C. A. Manifestações Culturais Juvenis: o hip hop está com a palavra. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MAGALHÃES, E. F. Rappers: artistas de um mundo que não existe, um estudo psicossocial de identidade a partir de depoimentos. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MAGRO, V. M. de M. Meninas do Graffiti: Educação, adolescência, identidade e gênero nas culturas juvenis contemporâneas. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

MATSUNAGA, P. S. Mulheres no hip hop: identidades e representações. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais*. Brasília: SECAD, 2006.

NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (Orgs.). *Juventude e sociedade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

PAIS, J. M. e BLASS, L. M. da S. (Orgs.). *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: Annablume, 2004.

PAIVA, Raquel e BARBALHO, Alexandre (Orgs.). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo, 2005.

RECKZIEGEL, A. C. de C. Dança de Rua: lazer e cultura jovem na restinga. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

- RODRIGUES, João C. *O negro brasileiro e o cinema*. São Paulo: Pallas, 2001.
- ROSE, T. *Black Noise: rap music and black culture in contemporary America*. Londres/ Hanover: University Press of New England, 1994.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens*. 3 ed. São Paulo: Clássicos Martins Fontes, 2003.
- SANT'ANNA, André. *O paraíso é bem bacana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SARAIVA, Maria do C. *Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito*. Ijuí: Unijui, 2005.
- SCHWARCZ, Lilia. *Racismo no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2001.
- SILVA, Mário et al. *O que é raça? um debate entre antropologia e biologia*. Lisboa: Espaço OIKOS, 1997
- SILVA, Paulo V. B. da; ROSEMBERG, Fúlvia. Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In: DIJK, Teun A. van (Org.). *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2008.
- STOER, S. R., MAGALHÃES, A. M. e RODRIGUES, D. Os lugares da exclusão: um dispositivo de diferenciação pedagógica. São Paulo: Editora Cortez, 2004.
- VAN DIJK, Teun. *Racismo e discurso na América Latina*. São PAULO: Contexto, 2008.
- VILELA, L. F. O corpo que dança: os jovens e suas tribos urbanas. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- VOTRE, Sebastião. Inovando na análise do discurso. In: *Anais do XV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE*. Recife: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2008.
- WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.

13, n.1, jan/abr, 2005.

WHYTE, William Foote. Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Unidade sobre discriminação de idade

Esta unidade é sobre idade no programa de esporte e lazer para todas as idades. Vamos estudar alguns conceitos relacionados a essa temática; veremos manifestações de preconceito e barreiras que dificultam a integração entre pessoas mais velhas e pessoas mais jovens; discutiremos os benefícios da integração, discutir alternativas para superar o preconceito e contribuir para a inclusão; por fim, vamos sugerir propostas de atividades e fontes de informações para complementar o conteúdo desse curso.

Compreendendo a idade.

Leia o texto abaixo:

“Velhos e jovens”

Antes de mim vieram os velhos

Os jovens vieram depois de mim

E estamos todos aqui

No meio do caminho dessa vida

Vinda antes de nós

E estamos todos a sós

No meio do caminho dessa vida

E estamos todos no meio

Quem chegou e quem faz tempo que veio

Ninguém no início ou no fim

Antes de mim

Vieram os velhos

Os jovens vieram depois de mim

E estamos todos aí

(Adriana Calcanhoto)

Após ter lido o texto acima, comente a mensagem de Adriana. Veja que o avanço dos anos resulta no envelhecimento e que, a partir de certa idade, a pessoa passa a ser chamada de idosa. A Organização

Mundial de Saúde considera idosas as pessoas com 60 ou mais anos para os países em desenvolvimento e 65 ou mais para os países desenvolvidos. No Brasil, a Constituição Federal menciona o limite de 65 anos, mas na Política Nacional do Idoso esse limite é de 60 anos. O código penal menciona a idade de 70 anos.

O termo idoso pode estar associado a preconceito, com conotações negativas. Fisiologicamente, os idosos possuem menor capacidade aeróbica e força do que os jovens, além de estarem mais suscetíveis a doenças. Preferem atividades com poucos movimentos corporais, como cartas, dominó, sinuca, artesanatos e bordados, devido a limitação de alguns movimentos. Também fazem alongamento e ginástica, de forma que o corpo não se locomova muito. Já os jovens preferem atividades mais dinâmicas, competitivas, como o futebol e basquete.

Vamos refletir. Dadas as diferenças acima, você acha que a integração entre pessoas de idades diferentes é possível? Proponha uma estratégia para integrar idosos e jovens em alguma atividade. Não se trata de tarefa trivial. É muito fácil identificar o preconceito de idade, mas não é tão fácil lidar com o mesmo. Há jovens que passam algum tempo do dia com pessoas mais velhas, enquanto outros não têm esta oportunidade. O preconceito aparece em ambas as situações.

O preconceito de idade, ageísmo, é uma representação social hostil para com as pessoas, com base em diferenças de idade. O preconceito de idade discrimina pessoas porque elas são mais idosas ou mais jovens, assim como o racismo e o sexismo fazem com a cor da pele e o sexo.

O preconceito (e a valorização) da idade, que é tão fácil de constatar, está ancorado na tradição e se manifesta em ditados do tipo:

Um cão velho não pode aprender novos truques.

Papagaio velho não aprende a comer milho.

Macaco velho não mete a mão em cumbuca.

*Para cavalo novo, cavaleiro velho.
Os adolescentes são irresponsáveis.
Crianças devem ser vistas e não ouvidas.
Idosos devem dar vez aos mais jovens.*

Vamos refletir: Se já vivenciou alguma situação de ageísmo, identifique e comente este tipo de preconceito. Veja algumas dessas situações nas narrativas que se seguem.

Em uma aula de ginástica, uma professora, ao ver um pequeno grupo de jovens se preparando para fazer a atividade, disse: “*Ué, vocês vão fazer está atividade? Tão novinhos...*” Uma senhora, ao ser perguntada sobre o motivo daquela aula de ginástica ter apenas idosas, disse: “*os jovens não vêm porque dizem que ginástica é coisa de mulher e velho...*”

Em uma aula de dança do ventre, uma mulher que aparentava ter entre 45 a 50, observava sua filha e sobrinha fazendo a aula. Ao ser perguntada sobre o motivo de não fazê-la, disse: “*ah, isso é muito difícil, isso é coisa para os jovens...*”

Agora leia as frases abaixo e comente como o preconceito de idade, explícito no tempo presente, se ancora no passado:

“*Jovens guiando jovens são como cegos guiando cegos.*” (Lord Chesterfield)

“*De todos os animais selvagens, o homem jovem é o mais difícil de domar.*” (Platão)

“*A juventude é aquele período em que um jovem sabe tudo... menos ganhar a vida.*” (Carey Williams)

Falemos um pouco sobre os benefícios da intergeracionalidade, que consiste na interação entre indivíduos de idades distintas, e não necessariamente apenas do idoso com o jovem. Interação é uma ação

social de dois ou mais indivíduos em contato, é a reciprocidade de ações sociais.

A intergeracionalidade é benéfica para ambos os segmentos, para o idoso a integração com o jovem permite-lhe aprender novas coisas, animá-lo, incentivá-lo a realizar várias atividades, a fazê-lo sentir-se útil. Já para o jovem a troca de experiências de vida, valores e princípios contribui para sua formação social e moral.

Posicione-se face às frases seguintes: “Quando pensamos que os idosos nos ensinam a envelhecer, constatamos que isso equivale a um ensinamento de como viver e... de como morrer. [...] Suas atitudes e comportamentos nos podem servir de guia”.

Uma das principais dificuldades de integrar jovens e idosos são os preconceitos enraizados de ambas as partes. Quanto aos jovens, alguns têm medo de ficarem velhos, com rugas, calvos, cabelos brancos, relacionam os idosos à iminência da morte. Um dos motivos para os jovens pensarem desta maneira é a falta de conhecimento sobre o processo de envelhecimento. Nós o entendemos como a consequência da passagem do tempo.

Como conscientizar os jovens? Esclarecer-lhes que o envelhecimento é um processo natural do ciclo vital, que a passagem para a chamada “terceira idade” não será um limitador das condições físicas e sociais, e sim uma fase da vida proveitosa, onde poderão dedicar seu tempo para si e, que um dia chegarão a esta fase. Isso pode ser um bom começo para uma melhor relação intergeracional.

Como conscientizar os idosos que ainda têm o que aprender, que os jovens podem lhes ensinar? Esclarecer-lhes que o convívio com gerações mais novas propicia um vasto campo de trocas de valores, atitudes e conhecimentos diversos. Demonstrar-lhes que a autoestima do idoso está intimamente ligada à forma como este encara

o envelhecimento, sendo crucial também para o relacionamento com as outras gerações.

Refleta sobre o que se segue: Você já tinha parado pra pensar sobre o processo de envelhecimento? Qual é a sua relação com pessoas de idades distintas? Cite e comente duas contribuições dos jovens aos idosos, e duas dos idosos aos jovens.

Há algumas atividades e alternativas que contribuem para superar o preconceito e contribuir para a integração. Os idosos preferem atividades que exigem pouco movimento corporal, como cartas, sinuca, ou movimentos mais localizados, como o alongamento e a ginástica. Buscam atividades que são mais direcionadas ao lazer e não necessariamente ao esporte. Atividades como ginástica e alongamento, em sua grande maioria são praticadas pelos idosos, e atividades como vôlei, futebol e basquete, pelos jovens. A forma com que as atividades estão sendo oferecidas no programa não está contribuindo para a integração do idoso com o jovem. Os principais motivos da dificuldade de integrar as idades, segundo os próprios professores e alunos, são a vergonha e o nível diferenciado de aptidão física, sendo impossível atender o interesse de todos.

Diante deste problema, vejamos agora quais atividades poderiam ser oferecidas para integrar as idades. Discuta com seus colegas sobre se vale a pena oferecer atividades que eliminam ou minimizam a competição, como os jogos cooperativos.

Jogos cooperativos

O jogo cooperativo tem como objetivo maior a participação de todos por uma meta comum. Cada participante estabelece seu próprio ritmo, desta forma os diferentes níveis de aptidão física são eliminados, todos se enxergam como importantes e necessários dentro do grupo. O jogo cooperativo serve para nos libertar da competição, sendo assim

uma forma mais fácil de integrar as idades. Esses jogos contribuem para a integração do idoso com o jovem, eliminando os níveis diferenciados de aptidão física. Entretanto, estas atividades, embora consigam integrar as idades, são pouco motivantes e eliminam a competição, e como já vimos os jovens gostam de atividades competitivas.

Desta forma como aplicar jogos competitivos de modo que haja integração das idades, sem que o nível de aptidão física dos segmentos seja considerado? Uma alternativa seria oferecer atividades mais relacionadas ao lazer, como cartas, xadrez, damas, sinuca, com menor exigência física. Nesse caso, é maior o gasto de raciocínio, memória, observação, atenção e concentração. Outra opção para integrar o idoso com o jovem seria oferecer jogos esportivos adaptados, provavelmente a atividade que mais atende aos interesses e respeita as diferenças dos segmentos.

Sugestões para problematizar o preconceito

Muitas das questões, aqui apontadas, são difíceis de trabalhar junto aos grupos que participam das atividades que integram os projetos sociais nos quais estamos envolvidos. É exatamente por isso que precisamos conhecer mais sobre essas questões, de forma a termos subsídios para problematizá-las, debatê-las, questioná-las, revelar seu caráter injusto e perverso.

Um projeto que busca a inclusão social deve, necessariamente, priorizar essas questões, de forma a minimizar as discriminações, os preconceitos, as desigualdades que acontecem nos projetos, sejam estas por questões relacionadas à idade ou por qualquer outra razão (sexo, raça, religião, classe social, capacidade física etc.).

Para alterar este contexto de injustiça social, torna-se necessário agirmos em prol de mudanças e estas podem ser pequenas e/ou grandiosas.

Eis algumas sugestões que podemos pôr em prática de

imediatamente:

Criar um bom ambiente entre os participantes da atividade proposta, garantir que cada pessoa possa se expressar livremente e que seja escutado/a e respeitado/a em suas opiniões.

Recusar e denunciar a naturalização que se faz acerca da idade, de que determinadas atividades são para os jovens e outras para os idosos.

Oferecer atividades em turnos diferenciados visando adequar-se aos interesses e disponibilidades de horário e às condições de trabalho dos participantes.

Prestar atenção para o uso de palavras e expressões que denotam ageísmo e combater esse uso, sem cessar.

Procurar identificar situações onde acontecem discriminações e buscar interferir de forma a minimizá-las e evitá-la.

Eis algumas sugestões sobre fontes de informações complementares. Insistimos em que a educação acontece em todos os espaços sociais (inclusive nos projetos sociais) e que não está relacionada apenas aos materiais didáticos. Algumas fontes de informações podem ser usadas tanto nas atividades desenvolvidas quanto na nossa formação, visto que suas temáticas nos possibilitam ampliar conhecimentos sobre as questões da discriminação de idade.

Filmes relacionados à idade¹⁰

Cocoon

Ano de lançamento (EUA): 1985

Após passar a utilizar uma piscina abandonada sem saber que ela também vem sendo usada por alienígenas, um grupo de velhinhos passa a sentir os efeitos do rejuvenescimento.

Cocoon 2 - O regresso

Ano de lançamento (EUA): 1988

Os internos do asilo que foram para um outro planeta aproveitam uma oportunidade e pegam uma “carona”, para poderem rever seus familiares e amigos. Mas quando chegam na Terra começam a questionar se devem continuar no planeta ou retornar a Antares, enquanto seus amigos alienígenas se preocupam em resgatar alguns de seus antepassados.

Em seu lugar

Ano de lançamento (EUA): 2005

Duas irmãs completamente diferentes realizam uma viagem de auto-conhecimento, contando com a ajuda da avó recém-descoberta.

Ensina-me a viver

Ano de lançamento (EUA): 1972

O relacionamento entre um rapaz de 20 anos com obsessão pela morte, que passa seu tempo indo a funerais ou simulando suicídios, e uma senhora de 79 anos encantada com a vida. Eles passam muito tempo juntos e, durante esta convivência, ela expõe a beleza da vida. Ele decide se casar com ela; no entanto, uma surpresa o aguarda, que mudará sua vida para sempre.

10

fonte: adorocinema.com

Alguém tem que ceder

Ano de lançamento (EUA): 2003

Harry Sanborn (Jack Nicholson) é um executivo que trabalha no ramo da música e que namora Marin (Amanda Peet), que tem idade para ser sua filha. Harry e Marin decidem ir até a casa de praia da mãe dela, Erica (Diane Keaton), para visitá-la. Lá Harry sofre uma parada cardíaca, ficando sob os cuidados de Erica e de Julian (Keanu Reeves), um jovem

médico local. Aos poucos Harry percebe que está se interessando cada vez mais por Erica, mas tenta esconder seus sentimentos. Julian também sente atração por ela, tornando-se um rival de Harry.

Vênus

Ano de lançamento (Inglaterra): 2006

Maurice (Peter O'Toole) e Ian (Leslie Phillips) são velhos amigos e veteranos atores ingleses. Maurice, apesar da idade avançada, continua trabalhando como ator, em pequenas participações em filmes e séries de TV. A vida de ambos muda quando Jessie (Jodie Whittaker), a sobrinha-neta de Ian, chega para morar com ele. Ian logo perde a paciência com Jessie, que também não faz o menor esforço para agradá-lo. Maurice logo se simpatiza com ela e passa a levá-la para conhecer pontos culturais de Londres. Aos poucos ele se apaixona por Jessie, mas precisa lidar com sua condição física de recém-operado da próstata e o gênio irascível dela, que muitas vezes também o maltrata.

Lolita

Ano de lançamento (EUA): 1997

Em 1947, um professor de meia-idade (Jeremy Irons) de origem inglesa vai lecionar literatura francesa em uma pequena cidade da Nova Inglaterra e aluga um quarto na casa de uma viúva (Melanie Griffith), mas so realmente decide ficar quando vê a filha (Dominique Swain) dela, uma adolescente de doze anos por quem fica totalmente atraído. Apesar de não suportar a mãe da jovem, se casa com ela, apenas para ficar mais próximo do objeto de sua paixão, pois a atração que ele sente pela enteada é algo devastador.

Onde anda você

Ano de lançamento (Brasil): 2004

Um comediante solitário realiza uma viagem delirante, onde encontra velhos companheiros e novas paixões, numa tentativa de ser feliz novamente.

O outro lado da rua

Ano de lançamento (Brasil): 2004

Regina (Fernanda Montenegro) é uma mulher de 65 anos de sinceridade excessiva e ironia incontida, que vive em Copacabana com sua cachorrinha vira-lata. Para esquecer a solidão e se distrair ela participa de um serviço da polícia, no qual aposentados denunciam pequenos delitos.

A família Savage

Ano de lançamento (EUA): 2007

Os irmãos John Savage (Philip Seymour Hoffman) e Wendy Savage (Laura Linney) precisam se juntar para cuidar do pai doente (Philip Bosco). Separados afetivamente e geograficamente por muitos anos, os filhos de Lenny pouco conhecem sobre o homem que tentam salvar.

The Human Stain

Ano: 2003, EUA

Ambientada em 1998, quando o noticiário nos EUA era dominado pelo escândalo de Monica Lewinsky e o possível *impeachment* do então presidente Clinton, a história trata das consequências de um caso de amor entre um professor universitário aposentado e uma mulher mais jovem, aparentemente inadequada para ele.

A cruz dos anos

Origem: Estados Unidos

Quando perde sua casa por não ter dinheiro para bancar os impostos,

um casal de idosos é obrigado a se separar temporariamente e se dividir nas casas de seus filhos, que moram a mais de 3 mil quilômetros um do outro. Um dia, porém, eles têm a oportunidade de se encontrar no que pode ser a última vez, e resolvem refazer o roteiro de sua lua-de-mel.

De bem com a vida

País de Origem: Irlanda, 2007

Ellie (Hayley Atwell) é uma jovem destemida e bem piradinha que fica encarregada de cuidar dos negócios da irmã mais velha - um asilo. Para piorar a situação isso tudo acontece durante o Natal e sua inexperiência e energia batem de frente com os velhos rabugentos que moram lá.

Segunda-feira ao sol

Ano de lançamento (Espanha): 2002

Uma cidade costeira no norte da Espanha sofre com seu isolamento quando seus estaleiros começam a ser fechados, deixando vários trabalhadores desempregados à mercê de pequenas ocupações temporárias. Entre eles está Santa (Javier Bardem), um machão rebelde e auto-suficiente que se recusa a admitir o fracasso, que vai enfrentar as barreiras da idade para arrumar um outro emprego, inclusive tendo que se modernizar.

Copacabana

(Brasil), 2001

Comédia filosófica sobre a vida e a velhice nos dias atuais, tendo como cenário o célebre bairro carioca. O personagem principal é o fotógrafo Alberto (Marco Nanini), às vésperas de completar 90 anos. Seus amigos preparam uma festa surpresa, mas Alberto parece

subitamente tomado pelo passado. E é de forma lúdica, poética e bem-humorada que ele volta no tempo e revisita importantes fatos profissionais e afetivos de sua longa vida.

Alexandra

País de origem: Rússia, 2007

Basicamente um conto sobre a avó que vai visitar o neto, um capitão do exército russo, em serviço na Chechênia. Sustentando um nome que evoca uma antiga civilização, a determinada Alexandra viaja para Grosny para visitar o neto de 27 anos de idade, Dennis, que ela não vê há sete anos.

Duas senhoras

Origem: França, 2007

Tendo como pano de fundo a França de hoje, Selima é uma jovem enfermeira árabe. Cansada dos comentários racistas que ouve diariamente, resolve trabalhar como enfermeira particular de Esther, judia e idosa.

As confissões de Schmidt

Ano de lançamento: 2002, EUA

Warren Schmidt (Jack Nicholson) é um homem de 60 anos que precisa lidar com a recente aposentadoria e também com a morte repentina de sua esposa. Incerto sobre seu futuro e também sobre seu passado, ele parte em uma jornada rumo ao Nebraska para ajudar no casamento de sua filha Jeannie (Hope Davis) com Randall (Dermot Mulroney), um vendedor de camas d'água.

UP – altas aventuras

País: EUA, 2008

Carl Fredricksen (Chico Anysio, na versão brasileira) passou toda a sua vida sonhando em explorar o planeta e viver plenamente a vida. Porém, aos 78 anos, a oportunidade parece ter passado por ele até que uma reviravolta do destino e um persistente explorador da natureza de oito anos, chamado Russell, dão-lhe uma segunda chance na vida.

Duas vidas

Ano de lançamento (EUA): 2000

Se você tivesse a chance de encontrar consigo mesmo quando tinha 8 anos de idade, será que aquela feliz criança gostaria de ver o que você se tornou quando cresceu? Em se tratando de Russ Duritz, a resposta seria um ressoante “Não!”. Russ (Bruce Willis) tem sua pacata vida como um profissional bem-sucedido virada de cabeça para baixo quando, de forma mágica e inesperada, encontra Rusty, ele mesmo com apenas 8 anos (Spencer Breslin).

Dicas de livros

12 Faces do preconceito. De Jaime Pinsky - 1999 - 123 páginas, Editora Contexto.

Este livro fala de 12 tipos de preconceito, incluindo-se aí o preconceito contra o jovem e contra o idoso.

A velhice. Livro de Simone de Beauvoir – 2003 – 712 páginas. Editora Nova Fronteira. Simone de Beauvoir dedica o conteúdo deste livro à velhice na sociedade atual.

Valores, preconceitos e práticas educativas. De organização de Divino José da Silva e Renata Maria Coimbra. Editora: Casa do psicólogo, 2005. Este é um livro para educadores e para os que se sentem desafiados por comportamentos preconceituosos em suas práticas formativas. Indicado

aos que desejam lutar contra os preconceitos.

O idoso e a atividade física. De Silene Sumire, 4ª ed. Editora Papyrus, 1998. Este livro discute o significado da atividade física para o idoso, com base na abordagem fenomenológica. Em abordagem fenomenológica, busca apreender como o sujeito vivencia a experiência cotidiana.

Estudos do lazer: uma introdução. De Nelson Marcellino, 4ª ed. Editora Autores Associados, 2006. Neste livro Nelson Marcellino faz uma relação do lazer com várias temáticas, como o trabalho, a criança, a rua e as férias, entre outras. Fala sobre o significado do lazer e seus conteúdos.

Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar. De Fábio Otuzi Brotto. Primeira obra brasileira abordando a questão dos Jogos Cooperativos, é referência para o estudo dos Jogos Cooperativos. Centrado na Pedagogia da Cooperação, apresenta vários jogos comentados.

Jogos cooperativos. De Reinaldo Soler. Apresenta os fundamentos do Jogo Cooperativo e dá um foco especial para a utilização dos Jogos Cooperativos nas escolas. Apresenta vários jogos de fácil aplicação, com ilustrações.

Revista Jogos Cooperativos. <http://www.jogoscooperativos.com.br/>

Curiosidades em sites sobre a temática idade

Respeito aos cabelos brancos: <http://www.serasa.com.br/guiaidoso/apresentacao.htm>

Discriminação de idade: <http://pt.wikipedia.org/wiki/discriminacao-etaria>

A importância das relações intergeracionais na quebra de preconceitos contra a velhice

<http://juniorbarbosa.blogspot.com/2008/05/importancia-das-relaes-intergeracionais.html>

Alienação dos mais jovens: <http://www.sobresites.com/alexcastro/artigos/geracoes.htm>

Artigos na Internet

Grupo intergeracional: espaço de diálogo entre as gerações

http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0410376_07_cap_04.pdf

INTERGERA - Programa de Estudos, Eventos e Pesquisas Intergeracionais

<http://www.ufmg.br/congrent/Direitos/Direitos31.pdf>

Diferenças intergeracionais no contexto brasileiro: reflexões e perspectivas

<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/viewFile/4782/2689>

Coeducação entre gerações

http://www.faac.unesp.br/pesquisa/idosomidia/docs/karin/fichamento_Ferrigno.doc

Te chamam de ladrão, de bicha, maconheiro...” Preconceito, Xenofobia e a Categorização do “Estranho” na Cultura Brasileira:

http://www.helsinki.fi/hum/ibero/xaman/articulos/2005_01/eerola.html

Velhice, alteridade e preconceito: dimensões do imaginário grupal com idosos

<http://www.interface.org.br/revista5/ensaio2.pdf>

Violência contra as pessoas idosas

http://www.socialgest.pt/_dlds/APmitosepreconceitos.pdf

Admirável mundo velho: velhice, fantasia e realidade social

<http://www.faac.unesp.br/pesquisa/idosomidia/docs/aline/admiravelmundo.pdf>

Idosos e sua percepção acerca da sexualidade na velhice

<http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/view/146/254>

Influência da atividade física nas atividades da vida diária de idosos

<http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/view/108/243>

Comparação do nível de atividade física em relação ao gênero de idosos participantes de grupos de convivência: <http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/view/99/175>

Projeto EnvelheSer: ampliando a rede de apoio social e aprimorando

aspectos cognitivos da terceira idade: <http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/view/258/193>

A temática do envelhecimento no currículo do programa Integrar/RS
<http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/view/260/195>

Filosofia do envelhecimento: a dialética dos contrários

<http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/view/89/185>

O idoso e o princípio constitucional da dignidade humana

<http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/view/261/196>

Violência contra o idoso: ignorar ou atuar?

<http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/view/139/111>

Fundamentando uma proposta de animação cultural para idosos e aposentados brasileiros

<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/animadorsociocultural/pdf/ac111.pdf>

Rompendo o silêncio: desvelando a sexualidade em idosos

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/996/776>

Inclusão social: uma proposta de integração articulada de políticas sociais públicas

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/998/778>

Barreiras para a atividade física em idosos: uma análise por grupos focais

<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3675/3686>

O lazer como descanso: <http://www.uspleste.usp.br/eventos/lazer-debate/anais-marcellino.pdf.pdf>

Procurando superar a modelização de um modo de envelhecer

<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/viewFile/2840/1453>

Escola, currículo, qualidade de vida e integração de gerações

<http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/viewFile/83/79>

Exclusão social: a multidimensionalidade de uma definição

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/931/711>

Reminiscências: Três Encontros com a Intergeracionalidade

<http://www.ufmg.br/congrent/Educa/Educa164.pdf>

A intergeracionalidade contribuindo para a superação dos modelos as-

sociativos segregacionistas: a Universidade do Tempo Livre de Rennes integrando idosos e aposentados.

nap. "/grupoanima.org/wp-content/uploads/intergeracionalidade2005.pdf

Estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos.

<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/4934/4979>.

Sugestões de jogos cooperativos

Dominó de todos nós

Edição 1 de Agosto de 2001 da Revista Jogos Cooperativos, pág. 13

Objetivo do Jogo: Todos os jogadores são um time tentando fazer com que o menor número de peças não jogadas reste ao final do jogo.

Propósito: O propósito é desenvolver a noção da influência das ações individuais no todo. Os jogadores terão que pensar bem para fazer jogadas que ajudem o jogador seguinte, visando o objetivo comum do jogo.

Alguns valores humanos podem ser trabalhados:

Responsabilidade para agir de maneira consciente de acordo com o objetivo do grupo;

Comunicação para delineamento de estratégias;

Liberdade para trabalhar o desapego de regras anteriores e oferecer espaço para a criatividade e disponibilidade para o novo;

Parceria entre os jogadores para atingirem um objetivo comum

Recursos: Jogos de dominó, papel e caneta para anotar

Número de participantes: O jogo pode ser jogado em duplas, trios, quartetos ou até oito jogadores divididos em 4 subgrupos de 2 pessoas para cada jogo de dominó. No total, este jogo pode ser jogado por tantas pessoas quantos forem os jogos de dominó.

Duração: O jogo pode durar de 20 minutos até o interesse dos jogadores.

Descrição: Divididas as peças de dominó entre os jogadores, eles colocam alternadamente as pedras no jogo unindo números ou figuras idênticas, como no jogo tradicional.

percurso a ser percorrido pelo grupo. O grupo poderá a qualquer momento fazer um pedido de tempo para a escolha de novas estratégias. Posteriormente podemos aumentar o desafio e o grau de dificuldade colocando novos obstáculos no caminho a ser percorrido. O jogo termina quando os participantes atingem o objetivo.

Sentar em grupo

Edição 11/12 de Junho/Julho de 2002 da Revista Jogos Cooperativos, pág. 21

Objetivo do Jogo: Todo o grupo deve sentar em círculo de uma só vez mantendo o equilíbrio.

Propósito: Perceber a importância e a força do trabalho em equipe e da cooperação.

Recursos: sala grande, quadra ou ao ar livre.

Número de participantes: Este jogo atinge bons resultados com grupos acima de 15 pessoas.

Duração: cerca de 15 minutos.

Descrição: Peça para que os participantes em pé formem um círculo voltados para dentro dele. Agora peça que todos virem para a direita, de modo que cada um fique de frente para as costas do colega, como numa fila circular. Cada um deve juntar a ponta dos pés nos calcanhares do colega à sua frente, colocando as mãos na cintura dele;

O facilitador contará até três pausadamente, e as pessoas devem sentar-se nos joelhos de quem está atrás, vagarosamente. Todos ao mesmo tempo;

Se alguém perceber que vai perder o equilíbrio, deve comunicar ao grupo, imediatamente. Tentar várias vezes até que consigam atingir o objetivo.

Quando houver um equilíbrio, uma coesão no grupo, o facilitador solicitará que todos soltem a mão direita e levantem para o alto. Em seguida, a mão esquerda. Finalmente pede-se a todos que coloquem a mão na cintura do colega a sua frente e, após a contagem até três, por parte do facilitador, levantam-se todos juntos, vagarosamente. Repete-se então o mesmo processo, porém de olhos fechados.

Jogo da macacada

Edição 11/12 de Junho/Julho de 2002 da Revista Jogos Cooperativos,

pág.21

Objetivo: Formar 2 grupos de “macacos” que precisam negociar algo entre si.

Propósito: Comunicação não-verbal, desenvolvimento do processo de cooperação grupal, negociação.

Número de participantes: 04 em diante

Recursos: Imaginação e criatividade

Duração: Até fechar a negociação ou enquanto durar a animação

Descrição: Formar, entre os participantes, dois grupos que deverão negociar entre si, considerando que representarão dois grupos de macacos, e que portanto durante o jogo não podem falar, mas apenas gesticular e emitir sons como os macacos. Antes porém, deverão escolher cada qual o seu representante para a negociação. Os produtos a serem negociados poderão ser: alimentos, objetos, água, um território ou a paz. Somente o negociador deverá se comunicar com o grupo vizinho. Antes de iniciar a negociação, o grupo se reúne e discute a técnica a se usada, as estratégias e o que vai ser negociado. Após isso, não se pode mais falar, somente gesticular, urrar, emitir grunhidos, fazer sinais, pular etc. O tempo para a negociação é de 2 minutos. Após esse tempo o negociador volta à base e o grupo melhora a estratégia de ação. Se a negociação emperrar, o grupo sinaliza para que seu negociador retorne à base, para que seja refeita a estratégia. Quando tudo termina, os grupos podem juntar-se em um círculo maior e iniciar uma sessão de massagem coletiva, começando pela catação de piolhos, ou cafuné nas cabeças dos participantes e depois, na seqüência, massagear as costas e braços. Pede-se para que todos se sentem no chão e abre-se o debate sobre as impressões causadas pelo exercício.

Unidade sobre discriminação contra deficientes

As pessoas com deficiência são relativamente invisíveis em nossa sociedade. Talvez você se tenha deparado pouco com pessoas com deficiência. Talvez por isso mesmo, você tenha dúvida sobre como trabalhar, o que trabalhar, como se aproximar dessa pessoa, como integrá-la às suas atividades.

Nosso objetivo é que você identifique e comente os conceitos básicos de inclusão e socialização de pessoas com deficiência; e elabore propostas de inclusão de pessoas com deficiência ao projeto esporte e lazer na cidade.

O objetivo clássico visa integrar o deficiente no grupo maior, sem regalias. A expectativa é socializar uma pessoa com deficiência em turma heterogênea, sem promover a evasão dos demais alunos, que em princípio resistem à integração com os diferentes.

Retomemos alguns conceitos básicos:

Inclusão é acolhimento de todas as pessoas, sem exceção nem favor, com base no princípio de igualdade de oportunidade de acesso aos bens culturais, espirituais e materiais.

Integração é o resultado do esforço para que na interação dos *diferentes*, os traços diferenciadores não sejam tomados como razão para impedir a participação.

Socialização é a assimilação de hábitos característicos do grupo social, processo através do qual um indivíduo se torna membro funcional de uma comunidade, assimilando a cultura que lhe é própria. É um processo contínuo que nunca se dá por terminado.

Deficiência é a perda ou anormalidade de estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica, temporária ou permanente. Inclui também anomalia, defeito ou perda de um membro, órgão, tecido ou qualquer

outra estrutura do corpo, inclusive das funções mentais. Representa a exteriorização de um estado patológico, refletindo um distúrbio orgânico, uma perturbação no órgão.

Incapacidade é a restrição, resultante de uma deficiência, na habilidade para desempenhar uma atividade considerada normal para o ser humano. É consequência ou resposta do indivíduo a uma deficiência psicológica, física, sensorial ou de outra natureza.

Desvantagem é o prejuízo para o indivíduo, resultante de uma deficiência ou de uma incapacidade, que limita ou impede o desempenho de papéis de acordo com a idade e o sexo. Caracteriza-se por uma discordância entre a capacidade individual de realização e as expectativas do indivíduo ou do grupo social. Representa a socialização da deficiência e relaciona-se às dificuldades nas habilidades de sobrevivência.

Releia os conceitos acima e produza um resumo com suas palavras de cada conceito. Seu resumo ajuda a fixar os conceitos para realização das próximas atividades. Veja como pode associar os conceitos de inclusão, socialização, integração, deficiência, incapacidade e desvantagem a um caso específico de deficiência.

Manter-se fiel ao projeto não é fácil, para ninguém. Pois diferentes tipos de pressão e necessidades imediatas concorrem com atividades de lazer. Mas para os deficientes é mais difícil. Portanto, há mais riscos de que o deficiente abandone a atividade. Para alcançar este objetivo, contam a criação de um clima de respeito e solidariedade, que desfavoreça os apelidos pejorativos; a dinamização do ensino-aprendizagem; a adequação das atividades aos interesses e necessidades do grupo e da comunidade; a aceitação de uma proposta de ensino aberta, na qual o aluno participará da elaboração das aulas.

Há outro risco, mais difícil de contornar. A inclusão de pessoas com deficiência em determinadas atividades tende a afastar as pessoas que não são deficientes. Com base em sua experiência como professor

do projeto, elabore uma proposta de atividade que inclua pessoas com deficiência em uma turma *normal*, em que os demais alunos não abandonem a atividade.

Livros, filmes e músicas são importantes meios críticos da realidade social. Exemplo: o filme *Homens de honra* ilustra a dificuldade de um marinheiro negro ser aceito por uma população inteira de raça branca, necessitando provar que a cor de sua pele não se associa a desvantagem ou incapacidade de desempenho. Os filmes da lista abaixo todos retratam pessoas com deficiência. Identifique as estratégias dos deficientes para serem aceitos pelo grupo social e elabore outra maneira na qual eles poderiam ser aceitos no grupo.

Filmes sobre deficiência¹¹

A força de um campeão: deficiência física

Na linha de Billy Elliot e Momentos de Glória, chega-nos a comovente e inspiradora história verídica de Tony Fingleton, um jovem de uma família problemática que encontrou a força interior para se tornar um campeão. A história, passada em Brisbane, Austrália, nos anos 50, e baseada no romance autobiográfico homônimo de Anthony Fingleton. Ofuscado aos olhos do pai pelos seus irmãos, é apenas quando Tony mostra um extraordinário talento para a natação que sente não só o poder para conquistar o coração do pai como também talvez uma medalha olímpica.

À primeira vista: deficiência visual

Amy (Sorvino), uma mulher cansada do stress citadino vai gozar um relaxante fim-de-semana numas calmas termas. No entanto, o seu massagista (Kilmer) não só lhe acalma a tensão... como se torna o seu namorado. Virgil é um homem como ela nunca conheceu e tem uma

¹¹ fonte: [www.adorocinema](http://www.adorocinema.com), [www.filmesraros](http://www.filmesraros.com), www.epipoca.uol.com.br

forma única de ver o mundo... é cego. Com Amy, Virgil submete-se a mais uma operação, que miraculosamente lhe devolve a visão e que lhes vai trazer a esperança de verem o mundo juntos.

Amargo regresso: paraplegia

Em 1968, Bob Hyde (Bruce Dern), um oficial do exército americano, embarca para o Vietnã. Sally (Jane Fonda), sua mulher, vai trabalhar em um hospital de veteranos e lá se apaixona por Luke Martin (Jon Voight), um soldado que ficou paraplégico na guerra do Vietnã. A trama se desenvolve até que, quando a verdade revelada, as consequências se tornam dramáticas para todos os envolvidos.

Amy: visual e auditiva

Amy é surda-muda. Em sua nova cidade, ela vai conhecer amigos, mas também o desprezo de algumas pessoas. Sua mãe a leva a vários tipos de especialistas, mas é com Robert, seu vizinho músico, que finalmente quebra o seu silêncio.

Anne Sullivan: auditiva e visual

A jovem Helen Keller nasceu cega, surda e muda. Sua incapacidade de se comunicar a tornou uma pessoa violenta e de difícil convívio social. Seus pais pedem ajuda ao Instituto Perkins que lhe envia uma professora chamada Anne Sullivan, ela também com deficiência parcial na visão. Juntas, com muita persistência, dedicação e amor, elas vão conseguir quebrar as barreiras que impedem a menina de levar uma vida normal.

Carne trêmula: deficiência física

A vida de um entregador de pizza muda totalmente quando ele se apaixona por uma mulher, que acaba ficando com outro. Desesperado, ele acaba atirando no homem, aleijando-o, e vai preso. Quando sai da

cadeia, uma rede de emoções volta à tona com vidas marcadas pelo passado.

Desafio sem limites: paraplegia e deficiência visual

Um grande astro do futebol americano sofre um acidente e fica cego. Um ano após o ocorrido, ele está desmotivado e completamente isolado. Ele é convencido por um deficiente físico a participar de uma regata, mesmo com todas as dificuldades

Feliz ano velho: tetraplegia

Baseado no livro (e na história real) do escritor Marcelo Rubens Paiva. A trama fala de Mário (Marcos Breda), um jovem estudante que dá adeus à sua adolescência ao mergulhar e bater a cabeça em uma pedra no fundo de um lago tornando-se tetraplégico. Preso à sua cadeira de rodas, o que parecia difícil fica pior e o rapaz, diante do que parecia o fim, começa a reviver e resgatar momentos importantes de seu passado, até descobrir uma nova força em sua vida.

Filhos do silêncio: auditiva

Baseado em um sucesso da Broadway, Filhos do Silêncio conta a vida de John Leeds, um professor de deficientes e uma moça surda, chamada Sarah. No início, Leeds vê Sarah como mais um desafio na sua carreira profissional, mas logo o relacionamento dos dois transforma-se em um romance tão apaixonado, que rompe a barreira do silêncio que os separa.

Forrest Gump - O contador de história: mental

Forrest Gump é um jovem problemático, de QI bem inferior ao resto da população. Por conta do acaso, ele participa dos fatos mais importantes da história dos Estados Unidos em um período de 40 anos.

Um importante lançamento para pais e para profissionais que cuidam de seus filhos e clientes com deficiências, em especial com deficiências neuromotoras, no caso paralisias cerebrais. Um livro para ajudar a entender o que acontece com o Sistema Nervoso de uma criança deficiente e como você pode atuar sobre ele para potencializar as capacidades desta criança.

Editora ATHENEU, São Paulo, SP, 2000.

Ana Alfa Beta

Autora: Ana Cristina de Lima Ferreira

Uma edição independente com a trajetória e luta pela vida independente de uma pessoa com paralisia cerebral, que nos afirma: *“Felizes os que usam a palavra para cultivar e favorecer o respeito à vida, a solidariedade e o amor social para que o mundo seja melhor”*.

De que cor é o vento? Subsídios para ações educativo-culturais com deficientes visuais em museus

Autoras: Aída Lúcia Ferrari e Elisa Campos

Um livro presente de nossa conselheira Científica Elizabet Dias de Sá, com preciosas e importantes apresentações como a de Danielle Garaudy: “Diga-me de que cor é o vento? Essa pergunta feita por uma criança cega faz-me um dia desejar que as crianças cegas visitassem o museu em que trabalhava e encontrar com elas respostas para as suas perguntas difíceis por que a pintura é bela? O que se pode contar das nuvens, do sol, do vento?”

Editora: Vereda Editora LTDA, Belo Horizonte, MG, 2001.

Revelando autores em Braille

Autoras. Dalila de Lara Brito e Dinorá Couto Cançado

Resultado de cinco anos de projeto luz & autor em Braille, desenvolvido pela biblioteca Braille Dorina Nowill, na cidade de Taquatinga, DF,

sendo uma coletânea de produções literárias de pessoas com deficiências visuais. Leia e divulgue este trabalho “com os olhos do coração, assim como os portadores de deficiência visual o fazem, aliado à leitura com os dedos”...

Educação Especial: Múltiplas leituras e diferentes significados

Autoras: Shirlei Silas e Marli Vizini

Um livro com textos de Pablo Gentili, Sônia Maria Portella, Rosita Edler de Crvalho, Leny Magalhães, Carlos Skliar, Lygia Assumpção. Um livro para a discussão emergente sobre a diversidade, exclusão, cidadania, deficiência e política, onde “os textos suscitam não a homogeneização do pensamento, mas uma visão crítica e plural, assim como são os homens”.

Editora: Mercado Aberto de letras & ALB (Associação Brasileira de Leitura)

Comentários à legislação federal aplicável às pessoas portadoras de deficiência

Este livro reúne toda legislação federal aplicável aos portadores de deficiência, com as várias áreas do direito, sendo comentado por juristas renomados.

Editora: Forense.

Informações: paulateper@zipmail.com.br (Maria Paula Teperino)

Inclusão dá trabalho

Autora: Cristina Abranches (org.) com artigos de Maria do Rosário, Maria Elisabet, Romeu Sasaki e Tânia Brandão.

Um lançamento que não pode deixar de ser lido por todos os que crêem que: “não há dúvidas que exista um forte componente de exclusão na globalização e torna-se urgente identificar quais as ações que possibilitam

a inclusão...” (pag. 20).

Editora: Armazém de idéias, BH, 2000.

Os jovens na mídia (o desafio da AIDS)

Autor(es). Ministério da Saúde - Coordenação Nacional de DST e AIDS, Brasília, 2000. Organização – ANDI E CN – DST/AIDS

Importante publicação resultante do seminário “Os jovens na mídia – o desafio da AIDS”, realizado em Brasília, DF, em junho de 2000, com temas cruciais para a prevenção e orientação de jovens sobre a epidemia da AIDS no Brasil.

Informações: aids@ aids.gov.br // www.aids.gov.br

Minha caminhada II – Equoterapia- Cavalgar é preciso

Autora: Maria Cristina Guimarães

Depoimento de uma mãe cujo filho Yuri é paralisado cerebral, e sua saga e vivência em direção à participação ativa da família na sua reabilitação, principalmente através de terapia ocupacional e da equoterapia, aqui apresentado como método interdisciplinar e terapêutico para as paralisias cerebrais.

Editora: Oiti, Salvador, 2000.

Perdas, danos e ganhos

Autora: Sheila Amaro

Segundo a autora é um livro escrito para relatar a história de vida de Sheila, que nasceu em 1975, “portanto lesão motora em razão de falta de oxigenação no cérebro, por complicações no parto...” Isto é mais uma pessoa com DEF ou paralisia cerebral e sua luta pela dignificação de sua própria vida.

Editora. Sermograf, 1999.

Vida ser; ser vida

Autora: Luciana Parisi

Um livro resultado de um sonho de escola por uma mulher com paralisia cerebral, que lança junto com o livro a Escola Especial Dr. Rafael Parisi, e relata seu envolvimento na luta pela melhoria da qualidade de ensino de pessoas com paralisias cerebrais.

Editora: Makron Books, São Paulo, SP.

A revolução sexual sobre rodas (conquistando o afeto e a autonomia)

Autor: Fabiano Puhlmann

Um livro escrito pelo psicólogo Fábio Puhlmann, que trata com delicadeza e criatividade a questão da sexualidade das pessoas com deficiência.

Editora: Nome da Rosa – São Paulo – 2000.

Informações: nomedarosa@nomedarosa.com.br

Paralisado cerebral – construção da identidade na exclusão

Autora: Suely Harumi

Um livro para todos os que querem conhecer mais sobre as paralisias cerebrais, que rompe com dicotomia entre pesquisador e o pesquisado, já que é o primeiro livro escrito como uma tese por uma pessoa com DEF ou IMC (Incapacidade Motora Cerebral), como prefere a autora, mestre e doutora em psicologia social pela PUC em São Paulo.

Editora: Cabral editora universitária, 2ª ed. Revista e Ampliada – Taubaté – SP – 2000.

“Os três porquinhos” – Clássico infantil

Recontado por um grupo de adolescentes com distúrbios do desenvolvimento (Alessandra, Beatriz, Marcela e Marcelo).

A estória é transformada no livro pelos adolescentes a partir dos

ensinamentos do método integral de alfabetização que é utilizado especialmente para a alfabetização de crianças com dificuldades específicas de aprendizagem.

Editora: Memnon Edições Científicas – São Paulo – SP – 2000.

Informações: memnon@memnon.com.br

Os estudos sobre discriminação no cotidiano do esporte e do lazer permitem que se problematizem e esclareçam, para os participantes, vários aspectos injustos dos preconceitos, que soam naturais, tanto para discriminadores como para discriminados.

Dublegraf Gráfica e Editora
Rua Leite Ferraz 63,
São Paulo - CEP 04 117-120, SP

ISBN: 85-909277-1-6

